

III Congresso



R\$2,50

Suplemento
Voz Operária

Co-edição Jornal *INVERTA*
Editora Nova *Victória*

do Partido Comunista Marxista-Leninista (Br) *Resoluções Políticas*



A Cooperativa Inverta chega ao seu décimo sétimo aniversário divulgando as idéias revolucionárias em nosso país. Somos trabalhadores e trabalhadoras na batalha de idéias contra o sistema capitalista. Nosso principal objetivo é produzir material literário e noticioso de vanguarda, acessível a todos os trabalhadores e ao povo em geral, para contribuirmos com uma verdadeira revolução cultural no Brasil. Nossos produtos destinam-se à formação da consciência da realidade nacional e internacional e ao conhecimento dos meios para transformá-la. Nosso principal produto é o Jornal Inverta, claramente definido pelo socialismo científico.

Desenvolvemos também diversas parcerias internacionais: reimpressão e distribuição do Granma Internacional de Cuba no Brasil; representação comercial da Agência Latino-Americana de Notícias (Prensa Latina); impressão da Revista Tricontinental em português, da Organização de Solidariedade aos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL); sucursal brasileira da Agência Bolivariana de Prensa (ABP).

Jornais



Camaradas, todos ao trabalho em nossa Campanha de Finanças!



Aquele que sabe a importância da imprensa revolucionária tem o dever de apoiá-la.

Rua Regente Feijó, 49, 2º andar - Centro
Rio de Janeiro-RJ, CEP:20060-060
tel: (21) 2507-2049 telefax: (21) 2242-7754
e-mail: coopinve@inverta.com.br

Nossa campanha de finanças visa adquirir os meios de produção necessários para fazer avançar nosso trabalho político. Existimos baseados na classe operária. Enquanto houver luta aqui estaremos.

Vou contribuir:

- ★ Realizando assinaturas de apoio de nossos jornais e revistas.
- ★ Adquirindo os livros editados pela Cooperativa. (Catálogo disponível em <http://www.inverta.org>)
- ★ Através de depósito identificado na Caixa Econômica Federal Ag: 2387 Operação: 003 Conta corrente: 00000459-1 Titular: INVERTA Cooperativa de Trabalhadores em Serviços Editoriais e Noticiosos Ltda.

Revistas



Livros



III Congresso

do
**Partido Comunista
Marxista-Leninista (Br)**

Resoluções Políticas

Suplemento

Voz Operária

R\$2,50

Co-edição Jornal *INVERTA*
Editora Nova Vitória

sumário

Apresentação. 3

Tese I - Sobre a crise do capital. 4

Adendo A - Sobre a nova ascensão da esquerda na América Latina e no Brasil. 8

Adendo B - Sobre o problema da Revolução no Brasil no segundo governo Lula. 9

Tese II - As tarefas do Partido Comunista Marxista-Leninista para o triênio 2007-2010. 11

**Tese III - Sobre organização e o movimento de massas
“Sem organização não se pode falar seriamente de tática” (Lênin). 13**

Adendo C - Sobre o movimento como organização para tomar o poder e como embrião de poder paralelo. 14

Tese IV - Revolução, sindicalismo e o governo Lula. 15

Bibliografia. 17

Apresentação

O Suplemento Voz Operária, em sua edição de dezembro de 2007, traz as Resoluções Políticas do III Congresso do Partido Comunista Marxista-Leninista (PCML-Br) realizado nos dias 24, 25 e 26 de setembro de 2007, no estado do Rio de Janeiro.

A atividade partidária foi precedida pela comemoração do 16º aniversário do Jornal INVERTA e pelo 15º ano da reimpressão do Jornal Granma Internacional no Brasil, quando foi realizado o IV Seminário Internacional de Luta Contra o Neoliberalismo, que teve como destaque, em seu caráter internacional, o lançamento da Coordenadora Continental Bolivariana - Capítulo Brasil - Luiz Carlos Prestes.

Mais uma vez foram reafirmados os princípios leninistas de organização e o papel revolucionário de seu órgão central, o Jornal INVERTA, o qual foi reconhecido pelos delegados ao Congresso e convidados nacionais e estrangeiros, bem como a necessidade de manutenção econômica e ampliação de sua distribuição para que o periódico cumpra com cada vez mais eficiência sua tarefa histórica de Voz Operária.

O Partido Comunista Marxista-Leninista outorgou a medalha Oscar Niemeyer, em sua primeira edição, a duas personalidades essenciais ao ideário pelo qual lutamos: a Revolução Comunista, ao presidente de Cuba, Comandante Fidel Castro Ruz, e ao arquiteto comunista Oscar Niemeyer.

O Congresso contou com a presença de delegados oriundos de vários estados brasileiros e convidados internacionais representantes de organizações políticas e partidárias da América Latina. Teve como discussão central a linha de massas do Partido e a atuação de seus militantes em defesa das necessidades mais emergenciais do povo trabalhador no Brasil e no que tange ao internacionalismo proletário, a necessidade de uma maior unidade com a luta e resistência revolucionárias dos po-

vos latino-americanos e a onda revolucionária que envolve a América Latina, sua importância, em vários níveis, aos povos de Nossa América.

A Tese I – Sobre a Crise do Capital analisa a conjuntura nacional e internacional, que tem confirmado as teses fundamentais do PCML, considerando os fatos e acontecimentos políticos, econômicos e sociais apresentados, sobretudo, a partir do retorno das crises cíclicas do Capital de 1987 e 1998 e a que instaurou no segundo semestre de 2007. O adendo A traz como contribuição a análise do cenário político de ascensão da esquerda na América Latina e no Brasil. O adendo B aprofunda o necessário debate sobre o problema da Revolução no Brasil no segundo governo de Lula.

A Tese II apresenta as tarefas do PCML para o triênio 2007-2010.

A Tese III Sobre a organização de massas define segundo os princípios leninistas de organização, levando em consideração o debate do III Congresso, nossa concepção sobre a linha de massas. Como e quando devemos atuar. O adendo à Tese III reafirma o movimento como organização para tomar o poder e movimento como embrião do poder popular.

A Tese IV – Revolução, sindicalismo e governo Lula coloca as tarefas dos comunistas revolucionários e do PCML diante do quadro de arrefecimento da luta dos trabalhadores durante o atual governo, no sentido de soerguer a luta pela unidade a fim de que os mesmos cumpram o seu papel histórico no processo revolucionário no Brasil.

As resoluções políticas apresentadas e que são publicadas agora foram aprovadas no III Congresso do PCML, quando foram ratificados os membros do Comitê Central e do Conselho do PCML (Br).

Tese I - Sobre a crise do capital

Ergo a minha taça... para que as nossas dificuldades com o Paraguai terminem e nós acabemos por anexar toda a bacia do rio de La Plata... .¹

I - A atual situação política nacional e internacional tem confirmado as teses fundamentais do nosso Partido, aprovadas no I e II congressos - “Que Refundar? Teses sobre a Revolução Brasileira”², e “Plataforma Comunista”³. Pode-se comprovar esta assertiva considerando os seguintes fatos e acontecimentos econômicos, políticos e sociais:

a) O retorno das crises cíclicas do capital: 1987 e 1998, e a sinalizada a instaurar-se no segundo semestre de 2007, iniciando-se no setor de hipotecas dos EUA, com a falência de várias instituições bancárias, cuja dimensão o próprio Banco Central Americano, FED, admite transcender à esfera financeira (capital fictício), atingindo a economia real (o setor da construção civil, da indústria de aço, cimento, química, etc.). Os dados da crise meio ao palimpsesto das escrituras bancárias indicam:

- O FED abaixou a taxa de juros de 5,25% para 4,75%;
- O setor imobiliário movimentou cerca de 10 trilhões de dólares e o setor suprime (alto risco) cerca de 1,7 trilhões e está pulverizado pelos EUA e todo o mundo;
- O valor das ações de empresas nas bolsas dos EUA e América Latina indica perdas de 2 trilhões de dólares;
- A falência de 100 empresas de crédito imobiliário, entre estas a 10ª maior instituição de crédito dos EUA, a American Home Mortgage, atoladas em empréstimos de alto risco;
- Somente nos EUA as perdas chegam aos 200 bilhões de dólares;
- A crise atingiu a economia real e provocará uma queda no PIB mundial, segundo especialistas;
- O setor imobiliário teve uma baixa de 20%;
- 100 mil postos de trabalho foram extintos;
- O número de despejos chegou a 1 milhão em 2007;
- O PIB dos EUA é de 13,25 trilhões de dólares;
- A dívida externa dos EUA em 2007 é de 10 trilhões de dólares;
- O déficit fiscal de US\$1 trilhão (o déficit na balança comercial, no mês de agosto bateu novo recorde, chegando a 69,3 bilhões de dólares);
- Os gastos militares dos EUA em 2006 chegaram à casa dos US\$528,7 bilhões, representando cerca de 46% dos gastos militares mundiais;
- Cada soldado americano representa 528 mil dólares anuais – os EUA possuem 1.400 mil soldados, destes 250 mil nas 725 bases militares em todo o mundo;
- Na Europa a crise atingiu o Banco da Indústria Alemã, que perdeu 700 milhões de Euros; o Banco da Baviera, que perdeu 1,9 bilhões de Euros; o Banco Francês Paribas, que suspendeu três fundos, com perdas de 3 bilhões de Euros; o Banco Central teve que injetar cerca de 3,5 bilhões de Euros para manter a estabilidade no início da crise;
- O Banco Central do Japão injetou cerca de 10,4 bilhões de dólares;

• Os Bancos Centrais dos EUA, Europa e Japão injetaram mais 350 bilhões de dólares para ajudar as empresas atingidas pela crise e estão decidindo um novo pacote de 75 bilhões para sustentar a crise;

• O Japão é o maior credor dos EUA, com US\$585,6 bilhões em títulos de sua dívida; a China já é o segundo maior credor com US\$400 bilhões em títulos.

b) As crises cíclicas resultam da incidência da Lei Geral da Acumulação, como definiu Marx em “O Capital”, logo, expressam a relação contraditória entre os agentes sociais que compõem a estrutura econômica do sistema: a acumulação de riqueza num pólo - o da burguesia - e miséria, torturas do trabalho, brutalização e pobreza no outro, no pólo daquele que produz seu próprio produto como capital, o proletariado. Ela também se expressa em lei demográfica ou populacional, a da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva (em sua forma flutuante, latente e estagnada), que atualmente chegou ao paroxismo, dadas as mudanças tecnológicas decorrentes da terceira fase da Revolução Industrial (nos mecanismos de controle e transmissão da máquina), denominada revolução informacional ou cibernética.

c) A crise caracteriza-se como uma crise estrutural do modo de produção capitalista, fundada na contradição entre forças produtivas (capital e trabalho) e relações de produção (propriedade privada) em seu momento antagônico, que se expressa, entre outros elementos, na tendência à queda da taxa geral de lucros dos capitalistas e, complementarmente, na contradição entre produção e consumo. Ambos fenômenos encontram suas raízes, em última instância, na contradição antagônica e irreconciliável entre a produção cada vez mais socializada e a apropriação privada, por um número cada vez menor de capitalistas dessa produção. A classe burguesa não pode evitar concorrer entre si na tentativa de contra-arrestar a tendência - percebida inclusive empiricamente - de queda em sua taxa de lucros, através da obtenção imediata de uma supertaxa de lucro fundamentada na vantagem que se possa obter sobre os outros capitalistas, aumentando a produtividade do trabalho antes dos mesmos. Dessa maneira, o constante aumento da produtividade e, portanto, da composição orgânica do capital é uma necessidade intrínseca ao modo de produção capitalista. No extremo, os capitalistas não podem deixar de aumentar a composição orgânica do capital, inclusive para não deixarem de existir enquanto capitalistas, sendo engolidos por capitalistas maiores. Ao elevar constantemente a composição orgânica do capital (substituição do homem pela máquina) é relativamente cada vez menor o montante de capital investido na compra de força de trabalho, a única capaz de produzir valor. O total de valor acrescentado à produção social (mais-valia) é, portanto, relativamente cada vez menor. Como é justamente da apropriação da mais-valia que formam-se os lucros da burguesia, eis a explicação para a tendência, em última instância ine-

vitável, da queda da taxa geral de lucros. Essa contradição fundamental manifesta-se, também, na contradição entre produção e consumo. Se, por um lado, o processo de acumulação capitalista, ao concentrar e centralizar o capital, exige a máxima ampliação da produtividade social da empresa capitalista com alta composição orgânica de capital (substituição do homem pela máquina), que exige concentração extrema de riqueza nas mãos dos monopólios capitalistas (renda, na vulgata econômica) para realizar o consumo produtivo de força de trabalho e dos meios de produção (máquinas, equipamentos, matérias-primas e auxiliares) na proporção da composição do capital; por outro lado, o consumo individual do próprio capitalista e da massa de trabalhadores no exército ativo e de reserva e respectivos dependentes, regulados pelas relações de produção com base no estatuto da propriedade (ao patrão os lucros, ao trabalhador o salário). Cada vez mais, o capitalista não tem demanda solvente para vender a mercadoria produzida. A contradição essencial do capitalismo manifesta-se, então, como crise de superprodução. É importante ressaltar que o surgimento histórico do capitalismo monopolista (imperialismo) como contra-tendência à queda tendencial da taxa média de lucro e superação de uma das manifestações dessa crise estrutural no fim do século XIX não resolve o problema. Ao invés dos monopólios usufruírem de suas supertaxas de lucro governando em paz sobre a terra, como promulgava o “ultra-imperialismo” de Kautsky e promulga o “Império” de Hardt e Negri, existe a concorrência intermonopolística, a elevação da composição orgânica do capital, a tendência à queda da supertaxa de lucro monopolística. A crise é, portanto, estrutural, e só pode ser superada com a superação do próprio capitalismo.

d) A crise também caracteriza-se como crise geral, como demonstra o próprio sistema financeiro internacional através da queda simultânea de todas as bolsas de valores. Na crise de 1987, na bolsa de valores de Nova Iorque, o Japão teve perdas que reduziram seu PIB em um terço generalizando-a para todos os países do mundo; na crise de 1998, este fenômeno repetiu-se em escala ainda maior em relação às perdas no capital fictício e na economia real reduzindo o crescimento mundial, a crise iniciou-se na Ásia, chegou ao Leste Europeu, América Latina, Europa Ocidental e Estados Unidos. A crise atual iniciada nos EUA já manifestou-se nas bolsas de valores de todos os países e na medida em que passa à economia real poderemos estar diante de uma nova depressão mundial. A crise generaliza-se por todos os cantos do mundo, em todas as esferas da economia, em todas as esferas da própria sociedade, atingindo sua superestrutura.

II - A crise cíclica, estrutural e geral do capitalismo assumiu caráter permanente, configurando-se como uma crise de transição do modo de produção capitalista para o modo de produção socialista, reafirmando a

¹ Perrault, Gilles. - O livro Negro do Capitalismo, página 303, Editora Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 1999.

² Bvillia, P. I. - Que Refundar? Teses sobre a Revolução Brasileira, In Revista Voz Operária, Rio de Janeiro, Editora Inverta, 2000.

³ PCML - PLATAFORMA COMUNISTA, IN REVISTA VOZ OPERÁRIA, RIO DE JANEIRO, EDITORA INVERTA, 2002

essência e o conteúdo da época histórica em curso como de passagem do capitalismo ao socialismo e transformação da classe operária de classe dominada em classe dominante. Pois, dado o grau de desenvolvimento antagônico da contradição entre o capital e o trabalho, o consumo produtivo esgotou todas as forças produtivas contidas por este modo de produção e passou ao consumo predatório das fontes de vida no planeta, como é o caso do esgotamento das fontes de matérias-primas: petróleo, água potável, florestas e, em algumas regiões, a terra. Assim, transcendeu a dimensão social conduzindo a sociedade humana (burguesa) à contradição antagônica com a natureza (meio ambiente).

a) Esta nova contradição antagônica entre sociedade burguesa e meio ambiente, que passou a ser o problema fundamental dos ecologistas e de cientistas, decorre da técnica no processo de produção com alta composição orgânica do capital, pois na medida em que substituiu-se o homem pela máquina, logo, a força muscular e habilidade humana pela força motriz e os sistemas inteligentes (informática), o consumo produtivo exacerbado aumenta o consumo de energia, exigindo mais e mais o consumo de suas fontes naturais da mesma, no caso dos EUA e maior parte do mundo, a técnica fundamental é a queima dos combustíveis fósseis, o petróleo.

b) Este processo resulta, por um lado, no esgotamento das reservas existentes no mundo (segundo os cálculos mais otimistas durariam apenas mais 50 anos); por outro, na emissão dos gases de efeito estufa, provocando uma crise ambiental que acelera as alterações climáticas que podem extinguir a vida humana e animal na terra – a emissão dos gases de efeito estufa levou ao aquecimento global, ao derretimento das calotas polares e geleiras, à expansão dos oceanos, à desertificação e à ocorrência, em maior escala, dos fenômenos climáticos e geodésicos (chuva ácida, El Niño, erupções vulcânicas, abalos sísmicos, tsunamis, furacões, etc.).

c) Nestes termos, o modo de produção capitalista ameaça a vida humana de duas formas: primeiro pelo extermínio nuclear, já que o esgotamento das reservas de petróleo desencadeou uma nova corrida neocolonial imperialista e com ela a nova corrida armamentista e a guerra, como é possível comprovar pelas guerras dos EUA e aliados contra o Afeganistão e o Iraque, os golpes na Nigéria, Venezuela, etc. A Rússia, em resposta à arrogância dos EUA de estabelecer bases militares nas ex-repúblicas socialistas do leste europeu, além de resgatar a Bandeira e o Hino da ex-URSS, acaba de anunciar a bomba a vácuo, com potencial similar ao da bomba atômica. Segundo, pela destruição dos meios naturais de existência de vida no planeta, face à ação predatória do modo de produção.

III - É uma crise de acumulação que reflete o alto grau de composição orgânica do capital, potencializado pela revolução informacional, pela Lei Geral da Acumulação e, por conseguinte, acentuando a manifestação de todas as leis, tendências que derivam da mesma: a tendencial decrescentes da taxa de mais-valia e do lucro na formação de valor por mercadoria ou produto; a produção em escala cada vez mais ampliada e novo padrão de acumulação (para recuperar no atacado o que perde no varejo); a corrida por novos mercados; o descolamento do sistema financeiro da base produtiva para manter a dinâmica do processo da

produção e do consumo. Em consequência, forma-se a bolha especulativa (empréstimos bancários, ações nas bolsas, títulos de dívidas, etc.), com base na realização da produção social. Mas se por algum motivo a formação da demanda solvente (mercado de consumo, individual e produtivo) não acompanha proporcionalmente a expansão da produção, pela incidência da lei geral, em condições de alta composição do capital, revela-se então o desnível entre os departamentos I (bens de produção) e II (bens de consumo) da economia; o segundo, ao não realizar sua produção, não honra seus compromissos com o primeiro e este, por sua vez, paralisa a produção e toda base fixa desenvolvida (máquinas e equipamentos) torna-se ociosa, supérflua. Configurada a bancarrota, processa-se a centralização de capital (o darwinismo econômico), através de fusões, associações, no qual o capital bancário tem forte papel, criando ou fortalecendo o capital financeiro, os monopólios e oligopólios. Mas neste contexto, já é tarde o estouro da bolha, já aconteceu, diante da sucessão de bancarrotas, a bolsa de valores vem abaixo, o capital fictício evapora-se e revela-se a crise de superprodução. Este processo Marx descreve no Livro III de “O Capital” há mais de um século e meio e como pode-se comprovar na presente crise, como nas anteriores, sua teoria continua atual.

a) Como é possível observar na manifestação da crise atual, ela iniciou-se no sistema de hipotecas, ou seja, os empréstimos para compra de imóveis nos EUA foram além da capacidade de pagamento das pessoas físicas e jurídicas hipotecadas, logo, todas as ações negociadas com base neste valor perderam sua referência, pois os pagamentos não foram efetuados, caindo o valor das empresas que atuam neste ramo. Por um lado, as empresas de construção civil também vêm seus títulos e ações perderem o valor, visto que toda a sua produção foi afetada, a indústria do aço, cimento, química, que venderam material de construção para as mesmas, também são afetadas numa reação em cadeia; por outro lado, os bancos e demais apostadores do mercado, que compraram títulos de hipotecas deste setor e dos que estão relacionados com o mesmo, na relação de compra e venda, também são afetados. Resultado: o mercado se retrai, os investimentos param, sobe a taxa de juros para os empréstimos, o comércio também se retrai na dimensão deste setor e da queda do valor monetário, revela-se a crise de superprodução e a economia vem abaixo.

b) A forma como manifesta-se inicialmente a crise no setor imobiliário também revela um estágio geral no desenvolvimento do processo de produção, já que imóveis significam construção civil, e este é um setor de baixa composição orgânica. Na economia capitalista, quando o investimento desloca-se para este ramo da produção, superdimensionando-o, os outros ramos enfrentam problemas, portanto, constituindo uma tática para manter, através de grandes obras, a alimentação de salário (consumo individual) e ramos de produção conexos (consumo produtivo), neste sentido, a bancarrota deste setor implica vir à tona também saber a superdimensão dos outros setores que mantiveram-se em produção, acelerados pela bolha imobiliária. Assim, se outros setores de peso também apresentarem falência à extensão da crise poderá ir além da recessão eco-

nômica à estagnação, e daí em diante à depressão e todas as consequências nefastas da crise do capital para os trabalhadores e para a sociedade.

c) A crise no padrão de acumulação do sistema tem, por um lado, origem em uma contradição técnica: a alta composição do capital (substituição do homem pela máquina com a substituição da força muscular pela força motriz) exigindo maior consumo de energia combustível para impulsionar o ritmo das máquinas e da sociedade, dado o atual padrão industrial, baseado na matriz energética dos combustíveis fósseis (o petróleo), enquanto as fontes naturais do petróleo estão francamente em esgotamento, com previsão de término em 50 anos nas estimativas mais otimistas. Este fato desencadeia um outro processo que decorre do sistema de mercado, isto é, a lei da oferta e da procura, logo, elevando os custos das matérias-primas por barril, devido a escassez e aos custos para sua extração em condições cada vez mais difíceis (extração em águas profundas e locais inóspitos). Nestes termos, os países possuidores desta riqueza natural também procuram tirar proveito de sua posição vantajosa, estabelecendo as condições de monopólio e impondo os preços de mercados. Assim, os países com alta industrialização são obrigados a alterar os custos de produção, decaindo a taxa de mais-valia e lucro, por conseguinte, a acumulação.

d) Nestes termos, o impasse que coloca-se é como transitar do padrão industrial, sob a matriz energética dos combustíveis fósseis (petróleo), para um novo padrão, sob nova matriz energética para reduzir os custos de produção e voltar a ampliar a sua acumulação, mudando o padrão da mesma para uma escala superior. Vários países dependentes do petróleo já tentaram encontrar outras fontes alternativas, como a energia eólica (vento), hidroelétrica (água), termoeletricas (vapor), nuclear e agora a energia extraída das biomassas (milho, soja, cana-de-açúcar, serragem, etc.) Aqui não é a fonte de energia alternativa o problema, mas sim os custos e operacionalidade da mesma. Um exemplo é a energia nuclear, o desastre no Texas, EUA e em Chernobyl (Rússia), mostram que além dos custos operacionais existem os de vidas humanas. Este é o dilema da energia nuclear. No caso das hidroelétricas, os custos sociais são tremendos, pois implicam a privatização das águas ou a nacionalização das mesmas. No caso das termoeletricas, os custos operacionais são o problema. Finalmente, imaginem a proposta de substituição do plantio de alimentos por plantio para o biocombustível - como alertaram brilhantemente Fidel Castro e Hugo Chávez – “condenam milhões de pessoas a morrerem de fome”. Mas neste último caso, para as oligarquias financeiras dos EUA e Europa, o importante não é a vida humana, mas a movimentação da sua indústria a baixos custos.⁴

e) No entanto, o maior problema da transição do padrão industrial do capitalismo para um novo padrão energético não é a alternativa tecnológica nem a nova fonte de energia, mas a base de acumulação necessária para financiar os custos da reciclagem do capital fixo (motores das máquinas industriais e de transportes), diante da baixa acumulação do sistema e da crise.

⁴ Energia Nuclear US\$ 10.000 Energia; Térmica US\$ 5.000; Energia Hidráulica (micro usina) US\$ 1.600; Energia Hidráulica (mini usina) US\$ 800; Energia Hidráulica (grandes usinas) US\$ 400. Fonte: <http://www.ebanataw.com.br/roberto/energia/index.php>

Eis o segredo de todo o projeto estratégico do imperialismo para solucionar esta crise estrutural do sistema que manifestou-se a partir da primeira década dos anos 70 e 80 do século passado, conhecidas como “choques energéticos”, e que vem agravando-se cada vez mais nos últimos 40 anos. Os blackouts ou mais popularmente apagões, são cada vez mais intensos e abrangendo um número maior de grandes cidades, estados e países, como o estado da Califórnia, nos EUA; o Brasil, Argentina, Chile, etc. Em uma lista dos 10 maiores consumidores de energia no mundo temos:

EM MILHÕES DE kWh (kilowatt hora) ⁵		
1	Estados Unidos	2.900
2	Bloco da ex-URSS	1.700
3	Japão	750
4	China	550
5	Canadá	500
6	Alemanha	500
7	França	400
8	Grã-Bretanha	350
9	Itália	200
10	Brasil	200

IV - A nova estratégia imperialista de superação da crise do capitalismo confirmou de forma contundente o enunciado por Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848 - quando indicaram de que maneira a burguesia superaria a crise - lançava mão de três medidas: 1) a destruição violenta das forças produtivas já desenvolvidas; 2) a conquista de novos mercados e fontes de matérias-primas; e 3) a intensificação da exploração dos mercados e fontes de matérias-primas já existentes.

a) Quando da primeira crise do capital decorrente dos choques na primeira crise energética, configura-se o esgotamento da política econômica keynesiana e gestam-se as teses do neoliberalismo, que são exportadas a todos os países capitalistas. A política econômica neoliberal tem por objetivo estratégico a concentração e centralização de capital para dar fôlego à acumulação no sistema, visando custear a campanha pela desestruturação do Leste Europeu e URSS, bem como a demolição do Estado do Bem-Estar Social e governos nacionalistas. Os empréstimos bancários para além do que os países pobres podiam pagar, a ruptura unilateral da paridade dólar-ouro, a inflação mundial e a elevação das taxas de juros, decuplicando as dívidas externas do “Terceiro Mundo”, foram a base para minar os países endividados e a implantação dos planos de reestruturação econômica e da política neoliberal, conduzindo à privatização dos monopólios estatais, à desregulamentação das relações formais do trabalho e à flexibilização da mão-de-obra. Este processo conduziu ao enfraquecimento dos governos e à liberalização dos mercados, permitindo a concentração e a intensificação da exploração.

b) A campanha das oligarquias financeiras desencadeada contra o comunismo, o nacionalismo e o Estado do Bem-Estar Social foi parcial e relativamente vitoriosa, dando lugar a uma conjuntura de grande ofensiva do capital sobre os trabalhadores e massas exploradas em toda parte do mundo. A queda do Campo Socialista e da URSS permitiu o avanço do imperialismo sobre novos mercados, a demolição do

Estado do Bem-Estar social e a intensificação da exploração nos países já sob seu domínio. Com este processo nos anos 80, considerada para a América Latina como a “década perdida”, deu fôlego à acumulação de capital, em especial nos EUA, permitindo o início de sua campanha militar sobre o Oriente Médio e os Bálcãs: a primeira Guerra do Golfo e a guerra contra a Iugoslávia, no início dos anos 90.

c) Esta campanha militar visava estrategicamente, por um lado, o controle das reservas de petróleo do Iraque, por outro, uma incursão sobre o mercado do Leste Europeu, onde a Alemanha e a França, e agora a Rússia, estavam estabelecidas, e finalmente contornar a nova crise que manifestou-se em 1987 e alastrava-se pela Ásia capitalista, em especial o Japão, cuja economia encontrava-se em estagnação, acompanhando a Europa. Mas a campanha no Golfo Pérsico não resolveu-se com a primeira e segunda campanhas, muito menos à influência da Rússia sobre os Bálcãs. Assim, a extensão da guerra e seus custos uniram-se a crise que veio à tona em 1997.

d) A Europa dos Sete, diante da crise dos anos 80 e da campanha hegemônica dos EUA, inicia a construção do seu círculo de fogo, a Europa Unificada e moda única, através deste processo acumula forças para avançar sobre as reformas neoliberais e o mercado da Ásia, Leste Europeu e África, dividindo o espaço da Rússia enfraquecida. Em resposta a Europa ou copiando este movimento dos países do Cone Sul, liderados pelo Brasil também passam à construção do MERCOSUL, na Ásia toma curso os “Tigres”. Os Estados Unidos por sua vez contra-atacam com a formação do Nafta. O mundo parecia reescrever-se geopoliticamente.

V - A campanha contra-revolucionária das oligarquias financeiras dos EUA, através da política econômica neoliberal e da guerra, como afirmam nossas teses fundamentais, embora tenha desestruturado o Campo Socialista e a URSS, bem como levando o movimento comunista mundial a uma profunda crise, não conseguiu, porém, uma vitória total e definitiva sobre as forças do comunismo. E isto gerou uma crise profunda nas instituições nacionais e internacionais burguesas edificadas, sob a base dos paradigmas da doutrina keynesiana, seja em sua versão europeia, social-democrata ou seja em sua versão estadunidense, democracia-social.

a) Diante do novo cenário mundial dominado pela contra-revolução burguesa, denominada de Globalização Neoliberal, a resistência das forças revolucionárias, comunistas, socialistas e nacionalistas não tardou a manifestar-se. A China, que pese suas deformações políticas em relação à experiência da URSS e à teoria clássica do marxismo, passou a ocupar um papel cada vez mais de destaque no cenário mundial, na medida em que seu desenvolvimento econômico tornou-se pujante meio a crise do capitalismo na Ásia, fazendo ruir a idéia da morte do comunismo. A Coreia do Norte, também avançou e não depois o seu sistema socialista. O Vietnã, igualmente, também consegue resistir a onda contra-revolucionária. Cuba, na América Latina, deu uma demonstração de heroísmo de seu povo, ao manter o sistema socialista e resistir vitoriosamente à crise econômica resultante da queda

do Campo Socialista e URSS (com quem mantinha cerca de 70% do seu intercâmbio econômico), e ao recrudescimento do Bloqueio dos EUA - a Lei Torricelli.

b) Diante deste processo, tomou corpo uma nova onda de insurgência em todo o continente latino-americano, em meados dos anos 90, e avançando nesta primeira década do século XXI. O processo ganha visibilidade internacional com o levante do EZLN, em Chiapas, no mesmo dia em que o México assinava o tratado do NAFTA com os EUA. Este acontecimento trouxe consigo para cena história a guerrilha das FARC-EP (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo), comandadas por Manuel Marulanda, que há 30 anos luta contra o poder das oligarquias na Colômbia. O mesmo acontece com o processo revolucionário no Peru, liderado por Túpac Amaru e Sendero Luminoso, que lutavam desde os anos 80; também a guerrilha da Frente Farabundo Martí, em El Salvador, que havia desaparecido da cena histórica com a queda da Revolução Nicaragüense. Finalmente, o levante militar comandado por Hugo Chávez, na Venezuela, que redundou na Revolução Bolivariana e, com ele, o processo na Bolívia que levou o MAS ao governo, liderado por Evo Morales; o Equador, com a eleição de Rafael Correa, após uma série de insurreições populares. E, mesmo na Nicarágua, os sandinistas voltam à cena histórica, com a eleição de Daniel Ortega ao governo, retomando sob nova forma o processo revolucionário interrompido por 17 anos no país.

c) Mas esta nova onda revolucionária na América Latina, em resposta a crise do capital e a política econômica neoliberal, não passa de imediato ao primeiro plano na luta revolucionária mundial, como indicam nossas teses, sobre o deslocamento do centro revolucionário da Europa para a América Latina. E o que explica este fato, neste primeiro momento, é a importância geopolítica do Oriente Médio e a forma de resistência dos povos árabes, em que destacou-se o terror, formando argumento escatológico para o consenso entre as potências imperialistas e a campanha militar dos EUA “antiterror”. Por um lado, a inexistência de lideranças e organizações revolucionárias nesta região fez com que o movimento assumisse caráter fundamentalista religioso, então, antigos aliados tornam-se inimigos viscerais e a resistência dos povos árabes enraíza-se no povo elevando os custos da pilhagem imperialista, refletindo-se no aprofundamento da crise do capitalismo nos EUA. Por outro lado, na medida em que o movimento assume caráter fundamentalista, embora tenha um conteúdo anti-imperialista, não é possível tornar-se uma referência revolucionária mundial. Entretanto, dada a reação brutal e o deslocamento de forças dos EUA para esta região, em resposta ao ataque às torres gêmeas e ao pentágono, ampliou seu desgaste e esforço de guerra, abrindo espaço para que a resistência à estratégia de globalização neoliberal avançasse em outras partes, em especial na América Latina, no sentido de nossas formulações, de nossas teses fundamentais acerca do deslocamento do centro da revolução mundial para esta região.

d) A luta contra a globalização neoliberal, as crises nas últimas duas décadas do século passado (1987 e 1998) alastrou-se para o mundo inteiro como rastilho de pólvora. Na África, o processo configurou-se com

⁵ Fonte: <http://www.ebanataw.com.br/roberto/energia/index.php>

a Revolução Congoleza, comandada por Laurent Kabila, somando-se ao processo de queda do Apartheid na África do Sul, que leva Nelson Mandela e o Congresso Nacional Africano ao governo; também em Angola, o governo do MPLA, com base na nova linha desenvolvida para o país e diante desta nova situação política, conseguiu por fim na luta interna, levada a cabo pelo exército mercenário de Savimbi, apoiado pelos EUA. Mas a situação de conflito e genocídio, decorrentes da política neoliberal do imperialismo, continuou em Serra Leoa, Somália, Etiópia, Nigéria e Zimbábue, aprofundando a crise no continente africano e dando curso aos movimentos de resistência e luta anti-imperialista.

e) Na Ásia, as ações do Partido Comunista Marxista-Leninista do Nepal, pela derrubada do regime monárquico do país, trouxe à tona a nova onda de resistência no continente. Na Coreia do Sul, a luta sindical e estudantil começa a arrastar os camponeses contra as reformas neoliberais. A falência do neoliberalismo na Indonésia, com a queda do ditador Sukarno, abriu espaço para o triunfo da guerrilha de independência no Timor Leste; continua a luta de resistência no Sri Lanka, com os Tigres Tâmeis; nas Filipinas, com o Novo Exército Popular e outros. Neste contexto, a China passa a um papel estratégico na Região, tanto econômico, quanto militarmente, abalando a liderança do Japão. Embora o imperialismo tenha investido na Índia como instrumento de emulação com a China, o conflito aberto com o Paquistão, por Caxemira, enfraquece sua posição de destaque na região.

f) Nestas condições, como já enunciamos no documento “Carta ao Povo Brasileiro”⁶, a estratégia neoliberal do imperialismo ao invés de solucionar a crise e gestar a concentração de capital necessária à mudança do seu padrão de acumulação e, com ele, a reformulação de toda a superestrutura jurídica, política e ideológica para dar espaço às novas condições do mercado e livre fluxo dos capitais, é obrigada a manter as superestruturas fundamentais do período keynesiano, em termos internacionais, tais como ONU, OTAN, BIRD, BIS, FMI, Conselho de Segurança, etc. Instituições totalmente corroidas e corrompidas para sustentar a hegemonia dos EUA e que, ao contrário de desenvolver, emperram o sistema do capital diante da sua nova conformação econômica, social e política do mundo. Assim, aparecem novas configurações institucionais, tais como o G-7, G-8, G-15, OMC, AMI, etc., que ao tomarem decisões, desconhecem totalmente o Conselho dos Direitos Humanos, o Tribunal de Haia, a Convenção de Genebra, mas não são capazes de solucionar a contradição e crise do sistema, revelando a violação constante da legislação e as organizações multilaterais elaboradas por Hans Kelsen. E nestes termos, a tendência do sistema é cada vez mais ir para o desespero de uma nova guerra mundial de conseqüências impensáveis para toda a humanidade.

VI - Na medida em que acentua-se o impasse com a campanha militar dos EUA no Oriente Médio; agrava-se a crise do capital; esgota-se a política econômica neoliberal; e avança o processo revolucionário na América Latina, por sua importância geopolítica e geoestratégica à hegemonia mundial dos EUA; torna-se cada vez mais evidente uma definitiva viragem histórica na luta de classes internacional vivida neste período. E assim o que pode-se esperar é cada vez mais os olhos e ações do imperialismo voltarem-se para esta

região, na medida em que torne-se inviável seu objetivo estratégico no Oriente Médio.

a) Como indicam as nossas Teses Táticas - “Plataforma Comunista”, a crise de acumulação do capital nos EUA, objetivamente, deriva do padrão industrial dependente da matriz energética do petróleo; e, subjetivamente, da capacidade de mudar as superestruturas herdadas do período keynesiano, que só poderia realizar-se com a derrota total do comunismo. Logo, se sua estratégia não foi capaz de realizar este feito e ao contrário, fez crescer a resistência contra o neoliberalismo em todas as partes do mundo, viu-se obrigado a abandonar os meios “pacíficos” (diplomáticos, econômicos e ideológicos) para o terreno militar, da guerra. Esta, por sua vez, ao definir o teatro de operações -o Oriente Médio- denunciou seu objetivo: o mercado da Ásia e as reservas de petróleo do Iraque e do Cazaquistão.

b) Os EUA, ao optarem pela guerra, como diz Clausewitz, seu objetivo político torna-se refém do objetivo técnico da guerra, que é a vitória sobre as forças do inimigo para submetê-lo a sua vontade, como essa vitória tecnicamente é impossível, começa a entrar em desespero. Por um lado, por que não pode resolver o impasse nuclear? Se a idéia for reunir o maior arsenal possível para superioridade em fogo ao inimigo, quando fala-se de tecnologia nuclear, isto não vale, basta uma bomba para aniquilar um país. O arsenal nuclear da Rússia é capaz de destruir cerca de 5 vezes o planeta; portanto, possuir um arsenal superior, mostra que é capaz de destruir duas ou três vezes mais que o outro. E o que isso representa? Nada. Assim, a nova corrida armamentista passou a novo estágio, isto é, criar artefatos para destruição em massa sem destruir o mundo capitalista, ou encontrar meios para que os EUA tornem-se invulneráveis a um ataque ou resposta nuclear -o “Escudo Antimíssil”- o que não é mais que a retomada do velho projeto “Guerra nas Estrelas”, profundamente desmoralizado pela comunidade científica internacional, em especial, os estrategistas russos, visto que sua tecnologia aeroespacial -o único país que consegue manter uma estação espacial em órbita- é muito mais adiantada. Contudo, mesmo que os EUA controlem todas as reservas mundiais de petróleo, elas somente poderiam assegurar mais 50 anos de vida ao seu sistema, portanto, paralelamente, também vão tentar assenhorear-se do controle das fontes de energia alternativas: mananciais de água potável, as reservas de gás natural, minerais radioativos (para a energia nuclear) e terras cultiváveis para o biocombustível e suas respectivas tecnologias.

c) Nestes termos, a América Latina, que acreditava sua reserva estratégica e terras cultiváveis para a produção de grãos, minerais radioativos e manancial de água potável e biodiversidade, dado o avanço da insurgência no continente passa a chamar sua atenção dentro dos princípios históricos que nortearam suas relações com a região através das doutrinas Monroe e de Roosevelt: “A América para os EUA” e “papel de polícia internacional”. Além disso, o fracasso do plano neoliberal de integração do mercado latino-americano através da ALCA, diante da resistência revolucionária no continente contra este projeto de recolonização, também criou outro impasse, a reviravolta política no continente revitalizou o MERCOSUL e deu lugar à ALBA e todo o processo de ruptura com o imperialismo que a Revolução Bolivariana tem de-

sencadeado. A tentativa do imperialismo de aplastar a guerrilha colombiana, liderada pelas FARC-EP, vai de fracasso em fracasso (o Plano Colômbia, Plano Patriótico, etc.), a guerrilha aos poucos transforma-se em uma guerra popular que chega às portas de Bogotá.

d) No documento de análise “Carta ao Povo Brasileiro”, afirmamos: “os EUA na medida em que começam a sofrer um forte revés na campanha militar no Oriente Médio, pois para manterem o domínio sobre as reservas de petróleo do Iraque e o caminho para a jazida no Cazaquistão são obrigados a um esforço de guerra custoso, ampliando seu déficit, pagando com sangue cada gota de petróleo roubada dos árabes, não conseguem nem realizar sua estratégia militar e nem solucionar a crise de acumulação, além de verem crescer entre seus pés a insurgência na América Latina. Sua proposta de controle de mercado na região, a ALCA, esfumaçou-se; sua estratégia de contra-insurgência não é capaz de derrotar a Revolução Colombiana, sob o comando das FARC-EP, que aproxima-se de uma vitória sobre o governo narcotraficante de Uribe; a Revolução Bolivariana avança na Venezuela, contagiando o governo do MAS, na Bolívia, de Evo Morales; no Equador, de Rafael Correa e na Nicarágua, de Daniel Ortega. Não é para se surpreender se a esta altura um novo plano de intervenção no continente, de forma direta e ostensiva, estiver sendo elaborado ou já em curso. A tentativa de jogar o México e o Peru contra Cuba, o Peru contra a Venezuela, Brasil contra Bolívia e Venezuela, Argentina contra o Uruguai é apenas a ponta do iceberg de uma conjuntura que justifique a ocupação militar da Bacia do Prata e da Amazônia pelos EUA.”

e) Mas uma ocupação militar no continente pode ser a centelha que as massas de trabalhadores desempregados, sem-terras e sem-tetos, camponeses falidos, a classe operária e povo pobre em geral esperam para explodirem em fúria, como é muito singular na história de resistência ao colonialismo e neocolonialismo em Nossa América, conduzindo a uma campanha diferente do que ocorreu no Oriente Médio. O litoral pode até favorecer aos EUA, mas a selva é uma situação totalmente diferente. A consciência mundial em torno da importância da floresta amazônica para a humanidade, a torna nossa aliada. Lá os marines vão ter que lutar homem a homem. Não conseguirão nos derrotar. Os soldados americanos e a opinião pública são preparados para campanhas militares ao estilo da blitzkrieg nazista, exige uma vitória rápida e resultados políticos e econômicos de imediato. Mas como ela não virá, a tendência é que o prolongamento do conflito leve a uma implosão o próprio EUA. Eis um raciocínio que não está tão distante da realidade, pois como afirma Pablo Max Ynfrans, sobre o conflito dos EUA e Paraguai, em 1957, sobre o brinde de um oficial na pequena armada de 20 navios enviada pelos Estados Unidos contra o Paraguai: “*Ergo a minha taça... para que as nossas dificuldades com o Paraguai terminem e nós acabemos por anexar toda a bacia do rio de La Plata...*”⁷

6 PCML, Reage Socialismo, Modac. Carta ao Povo Brasileiro, In Revista Ciência e Luta de Classes. Rio de Janeiro, Editora Inverta, 2006.

7 Perrault, Gilles. - Ob.cit.

Adendos à Tese I

Adendo A - Teses Gerais sobre a nova ascensão da esquerda na América Latina e no Brasil

I - Um novo cenário político apresenta-se em toda a América Latina nesta década inicial do século XXI. Quando a grande ofensiva neoliberal das oligarquias financeiras parecia ter definitivamente derrotado, no plano mundial, as forças do comunismo, com o débacle do Campo Socialista do Leste Europeu e da URSS, do outro lado do mundo levanta-se o EZLN – Exército Zapatista de Libertação Nacional, no México, em 1995; o MRTA - Movimento Revolucionário Túpac Amaru produz um ato espetacular de resistência com a tomada de assalto da embaixada do Japão, no Peru, em 1996; a guerrilha das FARC-EP - Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo sai das sombras, com o domínio de cerca de 40% do território colombiano e ganha visibilidade e reconhecimento internacional. Paralelamente, como rastilho de pólvora, uma nova ascensão da luta dos trabalhadores e massas oprimidas é produzida em toda a região em uma grande reviravolta no mapa político: a eleição de Hugo Chávez, na Venezuela, em 1998, retomando os ideais revolucionários presentes na Revolução Cubana, tragicamente reprimidos e bloqueados pelo imperialismo e as oligarquias burguesas nos demais países durante os anos 60 e 70; a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil, em 2002; Néstor Kirchner, na Argentina, em 2003; Tabaré Vázquez, no Uruguai, em 2004; a eleição, em 2006, de Evo Morales, na Bolívia; Michelle Bachelet, no Chile, e mais recentemente, em 2007, Rafael Correa, no Equador, e Daniel Ortega, na Nicarágua.

II - Cada um dos processos que levaram os povos a elegerem estes governos tem suas particularidades, contudo, estes acontecimentos e fatos tornaram inquestionável a existência de uma nova ascensão da esquerda, como tendência principal, dentro da conjuntura política na região. Esta se não corresponde integralmente aos traços característicos de uma situação revolucionária, como descrevem os clássicos marxistas, em especial os descritos por Lênin em sua síntese no trabalho “A Bancarrota da II Internacional”, também não pode-se dizer que está muito longe desta. Contudo, é necessário ressaltar a diferença entre este novo processo e a forma histórica com que tal situação apresentou-se nos anos 60, quando a forma de luta principal das forças revolucionárias foi a luta armada, apesar do processo similar ao atual ter apresentado-se também através do governo de Salvador Allende, no Chile (derrubado e assassinado pelo golpe militar de Augusto Pinochet), e no Brasil, no governo de João Goulart (também derrubado por um

golpe militar)¹. Naquela conjuntura, o processo de luta armada, quando vitorioso, abreviava o processo de transição entre o caráter inicial e o final da Revolução, como tão cabalmente prefaciou a Revolução Cubana: uma revolução tipicamente latino-americana, a partir da guerra de guerrilhas, que vitoriosa, garantiu passagem por salto do caráter da revolução, de independência nacional e de aspirações democráticas contra o imperialismo e a ditadura das oligarquias burguesas, em caráter socialista e anticapitalista em menos de 2 anos.

III - Enquanto presenciamos o processo revolucionário que desenvolve-se atualmente na Venezuela, como resultado do acúmulo de sublevações, protestos e lutas de massas, que dividem toda a sociedade em dois campos opostos, em especial as Forças Armadas, e ao contrário de culminar em uma insurreição popular e a tomada do poder pelas armas, foi canalizado para as eleições burguesas, levando Hugo Chávez ao governo dentro dos marcos da democracia burguesa; logo, conclui-se daí um processo revolucionário mais prolongado e diante de desafios históricos, tais quais enfrentou Salvador Allende, no Chile e João Goulart, no Brasil; e em consequência, os limites para levar a cabo as transformações necessárias na infra e superestrutura da sociedade para sair da condição de governo revolucionário de características antiimperialistas e democracia de massas, dentro dos marcos da democracia burguesa, à condição de governo revolucionário de caráter socialista, apesar da definição bolivariana do processo em curso. E se concordamos com estes traços como distintivos da situação revolucionária na Venezuela, agora imaginem os desafios colocados aos governos de esquerda (ampliando largamente este conceito), como o de Lula & cia., que sequer rompeu com o receituário neoliberal ou mexeu um milímetro na superestrutura do Estado herdado da ditadura militar? A idéia mais complacente que pode-se fazer das boas intenções e do resultado geral destes governos de esquerda que ascenderam na América Latina, com exceção para Hugo Chávez, na Venezuela, e Evo Morales, na Bolívia, que também tecemos fortes esperanças que alinhem-se a Fidel Cas-

tro, é que não passam de administradores da crise do capitalismo, dado o fracasso da política econômica neoliberal que tentam amenizar com migalhas (políticas compensatórias) o cruel sofrimento e exploração dos trabalhadores.

IV - Nestes termos, embora não se possa negar esta guinada à esquerda da América Latina e o avanço revolucionário que representa a Revolução Bolivariana, e agora a ascensão do MAS - Movimento Ao Socialismo, de Evo Morales; não é possível dizer o mesmo do governo Lula e outros similares, aqui seria mais propício imaginar que eles não passam de uma concessão das oligarquias burguesas e do imperialismo, diante da revolta dos trabalhadores e massas oprimidas do continente, dada a violenta espoliação a qual são submetidos pelo imperialismo através do horror econômico neoliberal, do que um avanço real em si mesmo. Aqui, literalmente, pode ser aplicada a máxima de que as oligarquias locais e o imperialismo “deram os anéis para não perderem os dedos”, tendo em vista um possível ressurgimento da luta armada em todo o continente, como prefaciaram os zapatistas, o MRTA e as FARC-EP. Entretanto, independente do conteúdo em si mesmos destes governos de “esquerda social-liberal”, considerando o quadro político como um todo, em Cuba e Venezuela, e agora quiçá na Bolívia, vanguardariam o processo revolucionário na região, há que se pesar até que ponto um retrocesso no Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, com a volta de governos discricionários e ditatoriais, ou mesmo representantes diretos das oligarquias burguesas mais atrasadas, poderiam dificultar ainda mais o processo revolucionário na Venezuela, bem como a recuperação de Cuba, que sai com sucesso do período especial, decorrente do impacto da queda do Campo Socialista e da URSS, e do recrudescimento do bloqueio imperialista. O que implica uma obtusa situação para as forças revolucionárias em países como Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, pois se não é possível opor forças mais consistentes e capazes de chegar ao poder político, também não é possível fazer o jogo do imperialismo e dividir e contribuir para a derrota dos atuais governos “água-com-açúcar”.

¹ Um quadro sobre a repressão política na região, montado pelo jornalista brasileiro Nilson Mariano, faz uma estimativa sobre o número de mortos e desaparecidos naquela década: 297 no Uruguai, 366 no Brasil, 2.000 no Paraguai, 3.196 no Chile e 30.000 na Argentina (9). Os números dos Arquivos do Terror - um conjunto de 60 mil documentos, pesando quatro toneladas e somando 593 mil páginas micro filmadas - descobertos pelo ex-preso político paraguaio Martín Almada, na cidade de Lambaré, Paraguai, em 1992, são ainda mais expressivos: no total, o saldo da Operação Condor no Cone Sul chegaria a 50.000 mortos, 30.000 desaparecidos e 400.000 presos (10).

V - E nestas circunstâncias, o que fazer? Naturalmente, diante deste quadro, existem aqueles em nosso país que, no desespero, sequer refletem sobre a palavra de ordem que lançam às massas, do tipo “Fora Todos!”, o que quer dizer, inclusive, eles próprios. Outros não saem dos velhos chavões e teorismo de clichês e que não vão além da crise do capitalismo, e defendem a construção do Partido Revolucionário e a Revolução Socialista, esquecendo as máximas mais conhecidas de Lênin, gênio da tática e da estratégia, em torno da Revolução e do Partido, que afirmou categoricamente que nas situações em que instala-se a crise revolucionária já é tarde para construir uma organização. Há também aquela corja que em tempos, como os atuais, de crise do marxismo, abundam como cogumelos e tentam justificar sua posição de apoio aos governos “água-com-açúcar” através de teses que agridem as consciências revolucionárias por completa falta de criatividade, ressuscitando formulações de épocas remotas, tais como etapa nacional-desenvolvimentista, quando o centro das formulações era a CEPAL, que copiosamente não saía dos esquematismos da razão dualista, mesclada com sofismas neoliberais do tipo “inserção soberana na globalização”.

VI - Finalmente, há ainda gente de perfil refinado, paga a baldes de dólares e apoiada em estruturas de pesquisas tentaculares para, no forjar das idéias revolucionárias sobre a situação concreta atual na América Latina e no mundo, desviar o pensamento e a ação revolucionária através de teorias revisionistas, plantando contrabando na teoria marxista-leninista ou sugerindo, mesmo que sub-repticiamente, a sua superação para responder as questões revolucionárias no atual momento histórico. Um exemplo disso são obras recentes produzidas por intelectuais renomados como Negri e Hardt, em seu “O Império”, onde extingue o conceito de Luta de Classes, substituindo por “Multidão”, além de outras mazelas, tipo trabalho “imaterial”; outra obra igualmente difundida entre os revolucionários é o trabalho de István Mészáros, que em artigo do próprio autor, revela que em seu livro “Para Além do Capital” formula que “Marx nunca pensou na crise estrutural”²; também podemos encontrar na obra de Michael Lebowitz, que foi agraciado com o Prêmio Deutsch, “Mais Além de ‘O Capital’”, afirmações do tipo que: Marx, em O Capital, fez uma análise unilateral, porque está ausente uma análise das necessidades dos trabalhadores assalariados, faltou uma análise da

reprodução humana e do ponto de vista da luta de classes, e que logo não é capaz de responder as questões atuais como: durabilidade do capitalismo, derrota do socialismo no Leste Europeu e na URSS, passividade da classe operária, desaparecimento da classe operária industrial e do seu papel de sujeito da transformação, novas realidades democráticas, etc., etc.³

VII - Como se vê, não faltam teorias, formulações e palavras de ordem para indicarem à classe operária e aos revolucionários verdadeiros os descaminhos da revolução e, naturalmente, enquanto os marxistas revolucionários não forem capazes de assumir a direção da classe operária, estas teorias, formulações e palavras de ordem -portanto, mais que correr atrás da revolução como se todos fossem jovens desbravadores ainda sem grande consciência revolucionária, a exemplo do jovem Ernesto Che Guevara e sua “Poderosa”- é necessário entender a real conjuntura da luta de classes, ver que diante da crise do marxismo e da conseqüente baixa do movimento comunista internacional, a ascensão da esquerda na América Latina nos dias atuais e as condições históricas distanciam-se muito das condições em que o jovem Che Guevara, em aventura nas Américas, passou ao arquétipo de revolucionário de uma verdadeira epopéia, que foi a Revolução Cubana, juntamente com os jovens Fidel Castro, Raúl Castro, Camilo Cienfuegos e tantos outros. E ainda, que para responder as questões revolucionárias desta complexa situação em que vivemos, mais que repetir chavões, palavras de ordem tolas e análises inconseqüentes que resvalam para o revisionismo é preciso estudar e defender a teoria marxista-leninista em seus fundamentos básicos, posicionar-se politicamente sem recorrer a sofismas e trabalhar incansavelmente para entender as novas formas com as quais apresenta-se o movimento revolucionário nos dias atuais e atuar incessantemente no interior dele para não somente direcioná-lo por uma tática e estratégia corretas, mas também moldar os quadros revolucionários sob o fogo da luta de resistência e da ciência revolucionária do marxismo-leninismo, que é a organização necessária e capaz de avançar pelos caminhos mais árduos que tenha a luta revolucionária até a vitória final. São sob estes princípios que os comunistas revolucionários, em particular, e os trabalhadores e massas exploradas, em geral, devem dirigir os seus esforços e luta.

VIII - Para muitos o novo alvorecer latino é um fenômeno de curta duração, resultado das contradições históricas, econômicas, políticas e militares do projeto de globalização neoliberal como estratégia do imperialismo para superar a crise.

É possível pensar assim, em especial considerando, no século XX, os ciclos políticos vivenciados na AL e a luta pela hegemonia, dentro do próprio capitalismo e entre este e o sistema socialista.

Devemos, porém, compreender o novo conteúdo histórico desse processo (sem subestimar a capacidade de reação do imperialismo, no que considera seu quintal):

Diferentemente da maioria dos processos que tiveram como base de sustento a estrutura da URSS como contraponto ao capitalismo, a base de sustento desses processos reside muito mais no desenvolvimento histórico desses países que no apelo conjuntural que as idéias socialistas possam ter dado ao influxo da luta de classes. São, portanto, muito mais consistentes.

É justamente no momento em que o imperialismo leva à derrocada [só o imperialismo?] a experiência socialista no Leste e na URSS, no momento em que a força do capital expressa em seu núcleo central -os EUA- detém o maior poder bélico, de comunicação e financeiro jamais visto, que a América Latina levanta-se e insurge-se.

O processo de luta pelo socialismo na Nossa América entrelaça-se ao processo de luta pela independência, encontrando dialeticamente nele seus ideais de justiça, liberdade e igualdade.

Essa identidade de nossos povos, sua integração e sua unidade forjou-se na rebeldia e resistência à colonização como um só povo, na herança das culturas milenares americanas e africanas, manifestando-se hoje na resistência ao imperialismo e na luta pelo socialismo (peleando se aprende a cantar).

Esse novo alvorecer deve ter, portanto, o destino histórico de marchar junto à Revolução Cubana e a seu Comandante Máximo, Fidel Castro.

² MÉSZARÓS István; Marx, nosso contemporâneo, e o seu conceito de globalização, http://resistir.info/serpa/comunicacoes/meszoros_globalizacao.html

³ Marta Harnecker, in Apresentação Mas Allá de El Capital, de Michael Lebowitz, Rebelión, 16/01/2006 <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=20906>



Plenária lotada no 1º dia do IV Seminário Internacional de Luta Contra o Neoliberalismo, realizado no Teatro Noel Rosa, na UERJ, em comemoração do 16º aniversário do Jornal INVERTA e do 15º ano de circulação no Brasil do Granma Internacional de Cuba em português

Adendo B - Teses Gerais sobre o problema da Revolução no Brasil no segundo governo Lula

I - Na medida em que o PT e aliados (PL, PMDB, PTB, PSB, PPS, PCdoB e PCB) avançam em seu segundo ano de governo, cada vez mais torna-se evidente que o problema político brasileiro mais emergente é o da revolução, entenda-se por revolução não apenas a inversão das classes sociais no poder geral da sociedade (e não apenas em um pedaço do poder político, o governo, como é o caso da coalizão que sustenta o governo Lula), mas também a mudança estrutural e superestrutural da sociedade, do sistema e modo de produção capitalista para o comunista. Esse ponto de vista tem por base principal a reflexão sobre quatro fatos atuais que rapidamente tornam-se visíveis face à experiência histórica singular vivida pela sociedade em geral e pelas massas populares em particular (operários, camponeses, camadas médias). O primeiro: é que nunca se deve confundir o ato máximo de uma revolução, verdadeira, “tomada do poder político”, com a chegada ao governo burguês, seja de que nível e de que forma for, em um país capitalista. O segundo: é que, tendo em vista o caráter da revolução a realizar-se, não basta que aquele que assuma o comando do poder seja de origem de classe operária, mais que isso, é necessário que ele expresse o conteúdo revolucionário de “classe para si”, portanto, o governo necessita da estratégia revolucionária do comunismo a guiar cada passo prático de sua ação. O terceiro: é que não basta autoproclamar-se classe operária ou comunista para sê-lo de fato, no sentido revolucionário, porque só a prática é o critério de verdade, na medida em que pressupõe, por um lado, unidade de organização, tática e estratégia revolucionária, e, por outro, consciência, disciplina e determinação. E, finalmente, o quarto: é que para derrubar, verdadeiramente, toda esta panacéia nacional é necessário mais que greves de setores do funcionalismo, campanhas eleitorais raivosas ou autoproclamadas revolucionárias, mas, sobretudo, força política de fato, em dimensão nacional, capaz de unir, atrair e movimentar os trabalhadores que são a base fundamental da sociedade.

II - A idéia de que a experiência histórica vivida pela sociedade brasileira com o governo Lula traga o problema da revolução à ordem do dia, não pode ser entendida aqui como um discurso escatológico para justificar uma atitude pusilânime junto ao governo, como é o caso de alguns agrupamentos que nem merecem ser citados. Na verdade, ela sustenta-se na observação empírica dos acontecimentos ordinários do processo político atual, no qual as contradições apresentam-se pelo choque de interesse e luta entre os distintos grupos da classe dominante e comensais. Ora, esta tese é por demais óbvia no processo político em nosso país; quem não lembra-se do espetáculo protagonizado e antagonizado pelos ex-senadores Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e Jader Barbalho (PMDB-PA)? A luta entre os dois mostrou bem a que ponto pode che-

gar as contradições internas das oligarquias burguesas no país, visto que ambas quase destruíram-se politicamente. A história da chegada do PT e aliados ao governo protagoniza esta luta, pois foi através dela que encontraram espaço para chegar ao governo. A sua tática foi elementar, uniu-se ao setor das oligarquias, que foi excluído das mamãs do Estado durante o governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, nomeadamente, o setor oligárquico que compunha-se com o ex-senador Jader Barbalho (José de Alencar, Orestes Quêrcia, José Sarney, Collor de Mello, Itamar Franco, etc.) e, com isto, somou forças para vencer as eleições. É claro que esta composição também somou outros seguimentos burgueses, como foram os casos dos nacionalistas de Brizola, os trabalhistas da Iara Vargas (Partido do Golbery) e os reformistas de plantão: aqueles que foram fiscais do Sarney, indulgentes do Collor, continuaram com Itamar e não ficaram longe do “underground” do governo Fernando Henrique.

III - Foi esta a grande tática do PT, a remontagem de um pacto neopopulista que mais tarde tomou a forma de “Carta Compromisso”. E, justamente, em função disso surgiu o problema principal ou “contradição fundamental” do governo Lula: entre seus princípios programáticos e o continuísmo em política econômica. O PT, cuja história é laureada por lutas em torno de bandeiras reformistas avançadas - contra as reformas neoliberais, mudança da política econômica, ruptura com o FMI, suspensão do pagamento da dívida externa, contra as privatizações das estatais, reforma agrária, aumento do salário mínimo real segundo o DIEESE, fim do desemprego, manutenção das conquistas trabalhistas, educação e saúde pública gratuitas, entre outras - hoje é irreconhecível, praticando a “politiquinha” neoliberal dos acordos leoninos com o FMI, do superávit primário, reformas neoliberais da previdência, trabalhista e tributária. Quem poderia imaginar o PT da corrosão das instituições da saúde e ensino público gratuitos, como o PFL, PMDB e PSDB fizeram com a previdência para justificar a privatização; das taxas de juros astronômicas para alimentar o capital financeiro; do discurso vazio para milhões de desempregados, famintos e violentados em nosso país? Quem reconhece o PT no discurso do “Fome Zero”; do “Primeiro Emprego”, da “Bolsa Família”, em lugar da reforma agrária, da ruptura com o FMI, da revisão das estatais, do redirecionamento da economia para o mercado interno? Quem reconhece o PT na negociação da ALCA, enviando tropas para limpar a sujeira dos EUA no Haiti, de conversinhas ao pé do telefone com o fascista Bush a pedir favores?

IV - Talvez aqui, tanto o texto escrito por Francisco de Oliveira, “A Republicanização do Brasil”, como o de César Benjamin (“Cesinha”), “Crítica da Razão Impura”, possam elucidar um pouquinho tudo isso. Con-

tudo, em termos da análise política, o que pode-se concluir é que a estratégia de humanizar o capitalismo através de reformas, na atual conjuntura mundial, está reduzida a menos que distribuir migalhas, e que mesmo para que estas efetuem-se, não pode ter por aliado, justamente, aqueles que são contra estas micro-reformas. É como afirma a escrita de Maquiavel: “coitado do príncipe reformista, acaba sozinho, porque os que estão em cima não aceitam as reformas, porque têm medo de perder o que têm e os debaixo por que não acreditam que elas possam acontecer para eles...”; portanto, são quase impossíveis pela astúcia dentro do sistema, daí suas receitas para as várias formas de tomar o poder em um principado; imaginem agora a luta pela mudança de todo o sistema, isto é, fazer uma revolução? Sem dúvida, o que está em curso no país é uma experiência inédita vivida por esta nova geração de brasileiros, que tem no governo de Getúlio Vargas (2º Governo, que o levou ao seu trágico suicídio) apenas citações sobre o conto populista na América Latina ou estórias dos governos Jânio Quadros e João Goulart, traduzidas no dueto entre comédia e drama, renúncia e golpe, “proibição do biquíni” e “reformas de base”; por outras palavras, o eixo sobre o qual dividiu-se a sociedade em duas partes: de um lado as oligarquias, a grande e a pequena burguesia, do outro a grande massa de trabalhadores, camponeses e povo pobre do país. Nestes termos, pensar a presente situação como uma mera repetição destes processos históricos anteriores, embora seja medíocre em termos de análise política, pelo menos serve como molde a mensurar os desvios de situações e assimetrias, ajudam a entender ou perceber a nova realidade que está formando-se.

V - É assim que chega-se às contradições atuais entre o discurso de campanha eleitoral de Lula e a prática de seu governo, e elas são tão flagrantes e indefensáveis que já provocaram um racha no próprio PT e entre este e aliados: os chamados “radicais do PT” e do PDT, de Brizola. Os proclamados radicais do PT passaram-se à luta interna denunciando o completo abandono pelo governo Lula do programa e princípios do PT, seus princípios e bandeiras históricas. O governo e o PT defendem-se erguendo a famosa “Carta Compromisso” e afirmando que através dela abriu mão de certas bandeiras para uma composição de governo mais ampla e capaz de derrotar as oligarquias. No entanto, a ruptura do PDT de Brizola fundamentou-se na denúncia do abandono do PT da “Carta Compromisso”, tais como: a mudança da política econômica (ruptura com o FMI) e a luta contra as reformas neoliberais; além da revisão das privatizações das estatais, entre outras. Portanto, o governo Lula, por onde quer que aborde-se é criticado; de um lado, pela perda de horizonte do “socialismo” (radicais petistas); por outro, pela perda do horizonte “nacionalista” (PDT de

Brizola). E, justamente, por estas contradições mais elementares é que a consciência de classe dos trabalhadores do campo e da cidade, bem como de todos os ramos da produção, tende a libertar-se das ideologias populistas (no sentido da definição dada por V.I. Lênin em seu brilhante ensaio “Como Iludir o povo”, isto é, como falsas teses sobre a realidade servem para iludir as massas e as conduzirem à derrota, como a tese dos populistas russos da época da Revolução, sustentando que “o capitalismo não era viável na Rússia, porque lá não formava-se um mercado interno capitalista”). Nestes termos, vejam como cai por terra todo o projeto político do PT, soçobrando a decepção, a perplexidade e a podridão (corrupção e escândalos), que no fundo sempre representam o pensamento revisionista da social-democracia. Por outro lado, vejam o ridículo da tese reformista do PCdoB, que justifica sua posição de apoio ao governo Lula, afirmando que vive-se no Brasil uma fase “nacional-desenvolvimentista”. É ou não é iludir o povo afirmar que um governo que segue factualmente o FMI, superávit primário, taxas de juros, Banco Central nas mãos das oligarquias financeiras, negociação com a ALCA é um governo nacional-desenvolvimentista?

VI - Portanto, se quisermos encarar realmente o problema principal da sociedade brasileira, nossa tarefa principal é bater-se pela Revolução Comunista em várias frentes. O governo do PT e aliados não deixa lugar para que a classe operária do país e o povo pobre continuem acreditando em “Contos da Carochinha”. Em primeiro lugar, porque o governo Lula e aliados mostram que chegar ao governo não é chegar ao poder de fato da sociedade, pois se estivessem no poder de

fato da sociedade, como poderiam continuar mantendo a política neoliberal das oligarquias, que jogam milhões de trabalhadores no desemprego, miséria e fome, e ao mesmo tempo não fazem nada contra a política de extermínio destes mesmos trabalhadores, executada pelas polícias das oligarquias? Ora, quem cai ou continua no desemprego, entra em desespero e é vítima dos progonos das polícias, não pode esquecer desta experiência, logo, não pode acreditar que as coisas possam mudar por si só. Em segundo lugar, o militante que teve fé no PT, em especial, no “Lula lá”, por sua origem de classe ou discurso socialista de ocasião, também já é tempo de despertar, pois, se o horizonte nacionalista do governo aos poucos está embotando-se, transformando-se em conversas ao pé do telefone e pedindo penico para o Bush, imagine sustentar as bandeiras do socialismo, mesmo o “socialismo petista”? Aqui, tudo ficará na campanha do “Fome Zero”, da “Bolsa Família”, do blá-blá-blá, abrindo espaço para o sórdido, o cínico, o corrupto continuar proliferando-se no contar deste conto. Para as eleições municipais deste ano, será uma “luva” para o clientelismo e curral eleitoral. Em terceiro lugar, o governo do PT e aliados, mais que nunca, vão marcar historicamente a militância comunista e revolucionária no Brasil, porque vão enterrar de vez, o conto de que a teoria e a prática revolucionária são realidades metafísicas, e por conseguinte, que basta autoproclamar-se comunista para sê-lo. Ora, a quantidade de quadros no governo, inclusive nos ministérios, que autoproclamam-se comunistas é enorme, neste sentido, ou eles esvaziam o conteúdo revolucionário da palavra comunista ou então transformam a prática revolucionária em prática reformista, tentando tapear a todos. Naturalmente

consideramos isto impossível, pois a força da história presente no movimento da luta de classes e na prática revolucionária existente protagonizará uma luta ideológica tenaz contra os revisionistas e falsários ao final, levando as massas a reconhecerem os verdadeiros comunistas revolucionários, aqueles que, como Marx e Engels falam no Manifesto Comunista, fazem com “que a burguesia trema de medo com a idéia de uma Revolução Comunista”.

VII - Finalmente, o governo de Lula e aliados levarão os trabalhadores e o povo pobre a uma unidade cada vez maior, na defesa dos seus interesses. No entanto, será, sobretudo, nos comunistas revolucionários que a experiência de luta exigirá sua unidade cada vez maior, pois a luta contra o revisionismo se confundirá com a luta direta pelo poder, pois dentro dele está o núcleo principal de controle do movimento de massas e só se obterá a vitória sobre ele se opusermos forças tanto quanto eles; neste caso, como diz Marx, “a crítica das armas só pode ser feita pelas armas”, e para isso é necessário uma força monumental e nacional, sob organização, tática e estratégia revolucionária, onde a disciplina, a determinação e a ousadia farão da luta revolucionária um rasgo na história da nossa sociedade, abrindo uma nova página na luta de classe nacional e internacional: a Revolução Comunista no Brasil. Portanto, eis algumas reflexões sobre porque a Revolução Comunista passa a primeiro plano na sociedade com o governo Lula e aliados. E se quisermos de verdade esta Revolução, necessitamos lutar por ela desde já, a partir de uma organização, uma tática e uma estratégia revolucionária de fato.



O Editor de Inverta, Aluisio Bevilaqua (centro), fala à plenária no primeiro dia de debate do IV Seminário Internacional de Luta Contra o Neoliberalismo

Tese II - As tarefas do Partido Comunista Marxista-Leninista para o triênio 2007-2010

I - As tarefas fundamentais para nosso Partido no triênio de 2007-2010 devem fazer-nos avançar em nossos objetivos estratégicos dentro do processo histórico vivido em nosso país e continente, marcado pelo avanço da luta de resistência dos trabalhadores e do povo pobre inspirado, sem dúvida, na resistência da Revolução Cubana comandada por Fidel Castro Ruz em “Nossa América”. Embora em linhas gerais este avanço da resistência ao imperialismo em alguns países esteja focado única e exclusivamente na “nova política econômica” da contra-revolução mundial imperialista -o neoliberalismo-, é notável a pujança e a dinâmica deste processo, como pode-se observar, precisamente, na Venezuela, com a Revolução Bolivariana comandada por Hugo Chávez Frías e, mais recentemente na Bolívia, sob o comando de Evo Morales. Também são bastante esperançosos os processos inaugurados neste final de ano pela Nicarágua com o retorno dos sandinistas, comandados por Daniel Ortega, ao governo após 16 anos da derrota em 1990; e no Equador, com a vitória do economista Rafael Correa, que promete seguir os passos de Fidel Castro e Hugo Chávez, assim como Morales e até o atual presidente do Haiti, René Préval.

II - Naturalmente, nós brasileiros, em especial, os comunistas revolucionários que compõem o Partido Comunista Marxista-Leninista, vivemos este período dentro dos limites que herdamos do processo histórico anterior e assim fazemos palco comum com o Chile, Argentina, Uruguai e até mesmo o Paraguai, onde o Condor imperou com suas garras afiadas a trucidar vidas revolucionárias e rebeldes em nome da reação imperialista comandada pelas oligarquias dos EUA. Uma idéia deste episódio em versão moderna (alta tecnologia de guerra e terror) é possível observar no Iraque, Palestina, Líbano, etc. Aqui os ditadores militares foram as garras -como disse nossa amiga que postou uma nota sobre a recente morte do ex-ditador Pinochet, “em liberdade”. Neste sentido, nosso processo histórico faz lugar comum com estes países do Cone Sul, cuja herança deste período maldito permitiu o controle social pelos aparelhos de repressão, impedindo a continuidade da luta e o surgimento de novas lideranças revolucionárias com expressão e importância para nosso povo, capaz de mobilizá-los a uma ação decisiva, ou pelo menos abrir espaço para este processo. É assim que as lideranças que chegaram ao governo nestes países: Luiz Inácio Lula da Silva, Nestor Kirchner, Tabaré Vázquez e Michelle Bachelet, de modo algum expressam, em termos da luta de resistência, uma ação autônoma dos trabalhadores e povo pobre destes países, mas, sobretudo, uma mediação entre esta e a ação das oligarquias burguesas locais, diante da conjuntura que impulsiona as massas a sublevações e ações desesperadoras, que de

um momento para o outro podem construir uma liderança revolucionária e derrubar de vez seus reinados.

III - É importante estabelecer esta linha divisória entre um e outro processo vivido neste novo período histórico de Nossa América, porque não pode-se esperar ou queixar-se daquele que não comprometeu-se com nada, a exemplo do governo Lula, que como bem disse durante sua campanha de reeleição: “a política econômica não vai mudar” (sic). Menos ainda de Michelle, Kirchner ou Tabaré; neste caso, a postura de todos os revolucionários -os que são realmente revolucionários- é lutar para levar o governo a fazer o que não prometeu, assim como as oligarquias foram obrigadas a aceitar, diante da conjuntura, as atuais lideranças em uma espécie de concubinato, pois se estas lideranças representam uma concessão das oligarquias burguesas aos trabalhadores e o povo pobre; mitigando sua política econômica neoliberal, por outro, a contrapartida destas lideranças é ocupar o espaço entre os revolucionários e a classe operária, não permitindo que os primeiros constituam-se em vanguarda para estes últimos e assim mantenham o sistema diante da atual conjuntura, até que forje-se a situação para que as novas garras do Condor voltem a cravar-se sobre nossos povos e países. Portanto, vivemos uma situação onde a máxima de “dar os anéis para não perder os dedos”, embora seja verdadeira, ainda é muito relativa.

IV - O Brasil, dentro deste contexto da América Latina, guarda relativa especificidade, não apenas aquela já mencionada de participar do grupo de países onde as ditaduras militares foram garras do Condor imperialista, mas também inclusive em relação a este último. Aqui a repressão desencadeada pela ditadura militar das oligarquias burguesas, ao contrário das que viveram o Chile, a Argentina e o Uruguai, o processo de perseguições, assassinatos e torturas foi seletivo, embora também como nas modernas guerras “com precisão cirúrgica” do imperialismo, as “vítimas colaterais” decorrentes dos “erros por falha técnica” ou “fogo amigo” cheguem a mais de 50 mil atingidos, considerando entre estes os cerca de 5 mil com registro nos tribunais militares conhecidos e os cerca de 400 mortos e desaparecidos políticos, como registram os livros sobre este terrível período em nossa história. Só para se ter uma idéia, o ditador recentemente falecido, Augusto Pinochet, pesa sobre seus ombros o genocídio de mais de 3 mil revolucionários, embora a preocupação do enfoque da mídia burguesa seja apenas para o roubo e o desvio de dinheiro para sua conta bancária e da família no exterior, de cerca de 12 milhões de dólares. Se considerarmos a relação entre a população dos países, ver-se-á esta gritante diferença na conduta da repressão.

V - Desta realidade nasce uma profunda diferenciação também nos desdobramentos dos processos históricos, entre o Brasil e os demais países. Um deles é a mais relevante para ser mencionado aqui: por que o Brasil com um número menor de revolucionários mortos não foi capaz de dar continuidade à luta, como ocorre atualmente na Colômbia ou no Peru? Nossa conclusão em torno desta questão é que, por um lado, na maior organização política ligada à classe operária na ocasião, o PCB, predominava uma política reformista e revisionista que, além de desarmar a classe operária e os revolucionários alinhados em suas fileiras, os educou ao conformismo e à docilidade diante do sistema com sua tese de chegar ao poder pela via parlamentar e fazer a revolução através de reformas dentro do sistema; o outro é que se é verdade que a maioria da classe operária estava sob o seu domínio, ou de suas lideranças, como pode-se observar pela intervenção da ditadura na maioria dos sindicatos e organizações econômicas, culturais e ideológicas onde tinha presença; a grande maioria dos militantes revolucionários que tomou a decisão de resistir à ditadura através da luta armada era oriunda da classe média e pequenos burgueses, logo, um setor da sociedade cuja rebeldia revolucionária tem vida curta, pois passando os arroubos da juventude, a situação e a origem de classe falam mais alto, tornando-os presas fáceis à cooptação do sistema, através de suas brechas e aberturas, mesmo que “graduais, lentas e seguras”; soçobrando alguns poucos que passam-se integralmente para o proletariado, como afirmaram Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista de 1848.

VI - É claro que tais conclusões não respondem a tudo, pois é preciso explicar porque depois da ditadura instalada, o terror, os assassinatos acontecendo em toda parte, denunciando o equívoco da estratégia reformista, a grande maioria dos trabalhadores e intelectuais revolucionários não acompanhou a corrente revolucionária que surgiu dentro do PCB e que veio mais tarde dar origem a várias organizações da luta armada, entre elas: a ALN - Ação Libertadora Nacional; o PCBR - Partido Comunista Brasileiro Revolucionário; o MR-8 - Movimento Revolucionário 8 de Outubro e tantas outras, como aquelas que surgiram do agrupamento liderado por João Amazonas e Diógenes Arruda, o PCdoB - Partido Comunista do Brasil, que rachou com o PCB, ainda em 1962, como foi o caso da Ala Vermelha do PCdoB.

VII - Sendo assim, embora a análise seja mais complicada, devido a variante tática definida pelo PCB diante da realidade da ditadura e da estratégia reformista de focar a luta “na democracia que era a contradição da ditadura ou seu ponto mais fraco” há dois outros fatores que nos ajudam a pensar por-

que vive-se o processo atual: o papel da liderança de Prestes, como espelho para a conduta revolucionária; bem como a tese reformista e revisionista de que a burguesia nacional, dada a sua contradição com o imperialismo, não permitiria que a ditadura permanecesse muito tempo e quando a ditadura passasse a organização revolucionária que melhor resguardasse-se poderia voltar a atuar ainda com mais força e prestígio. Porém esta posição tática estava equivocada e após a saída de Marighella, antes de Prestes partir para o exílio, ao perceber a burla da estratégia reformista, ele questionou em reunião do Comitê Central do PCB e propôs a mudança na linha política do partido.

VIII – Conclusão, ficou isolado, o único voto a seu favor foi dado por um único camarada que lhe foi fiel até os últimos dias de vida: Agliberto de Azevedo (um dos líderes da insurreição da ANL, em 27 de novembro de 1935, no Campo dos Afonsos, no Rio de Janeiro). Esta situação apenas veio mostrar uma pequena parte do dano causado pelo reformismo à luta revolucionária no país; a decisão da maioria do Comitê Central em continuar com esta linha já respondia muito mais à acomodação ao sistema e abandono da luta revolucionária do que a um mero equívoco. Não é de graça que a maioria que predominou no partido o conduziu para isso que chama-se hoje, PPS (Partido Popular Socialista); e não foi de graça também que, assim como ocorreu com o PCdoB e demais organizações revolucionárias que existiam no país, apenas uma pequena parte de seus dirigentes foi assassinada nos porões e câmaras de torturas da ditadura.

IX - Mas esta história não fica por aí, ela continuou até os dias atuais, a origem de classe dos revolucionários que foram para luta armada, findado o exílio, com o retorno deles, as lutas ideológicas interrompidas pela ditadura são retomadas e nelas os jargões e pechas serviam de escudo para terceiras intenções não-revolucionárias, a divisão reinou. A derrota dos que foram para luta armada, o sangue, os gritos de tortura, os pesadelos, as demais lesões e traumas sofridos pelos combatentes, com a abertura política, ganharam valor de troca monetária (indenização) e políticas compensatórias nas brechas do sistema, nas universidades, assessorias parlamentares, cargos de segundo escalão, etc., tudo como antes no “Quartel de Abrantes”, como nos tempos áureos da política reformista do PCB. A grande maioria enquadrou-se no sistema, passando mesmo a trabalhar para os inimigos ferozes da luta revolucionária no país. A estratégia reformista do PCB já havia cumprido seu papel em nossa história, tornando-se uma verdadeira lei da gravidade sobre o pêndulo da luta revolucionária. Hoje o que temos é uma esquerda institucional, cuja ação revolucionária ou é histeria ou performance, na verdade ela está ausente do sofrimento do povo, dos milhões de encarcerados, dos milhares de rebeldes que surgem todos os dias e em todos os lugares a cada minuto no país, indignados com a situação e não sabem que caminho seguir. Eis uma parte que ajuda a compreender um pouco da presente situação. A outra vamos encontrar do outro lado, do lado da classe burguesa e seu aparelho de repressão.

X - Neste aspecto, o fato da repressão no país não ter guiado-se pelos padrões da Argentina, Chile e Uruguai criou um outro diferencial entre o Brasil e os demais países; em território brasileiro todos os generais,

torturadores e cachorros da repressão até hoje não foram condenados ou sequer identificados corretamente no sistema. Esta situação difusa dos meios de repressão não somente ajudou e ajuda a manter o controle sobre os movimentos operários e sociais no país, como leva também a uma manipulação por dentro das organizações e das lideranças que dizem-se revolucionárias. Aqui, centenas dos que praticaram atos de barbárie e taras sobre os jovens e velhos revolucionários do país não só hoje gozam de liberdade como até são homenageados com rega-bofes pela high society, como ocorreu recentemente com o coronel e ex-torturador Brilhante Ustra, em Brasília. E, se os que foram notórios na tortura, como o caso do “Dr. Tibiriçá”, são tratados a este nível, imaginem agora os que mantiveram-se ocultos, em que posição estão na sociedade? Isto, de *per sí*, nos dá uma idéia do quão complexa é a situação dos revolucionários brasileiros e quão frágil é a posição dos revolucionários verdadeiros diante do atual processo político do país governado por Lula. Também por esta mesma ótica pode-se imaginar qual é a dificuldade de quem pensa em refundar uma organização revolucionária no Brasil. Agora se somarmos a isto o desaparecimento do aparelho repressivo e a supressão de provas, o que temos? Temos uma completa falta de condições subjetivas para que o proletariado e massas exploradas no país possam reerguer-se na luta novamente, organizar-se e formar quadros revolucionários. E é justamente esta situação que nos arremete para o ano de 2007 com distanciamento vertiginoso do processo que vive a Venezuela e a Bolívia, e dá margem à especulação de que trama-se nos porões da reação uma Operação Condor de limpeza de provas, para que nesta maré de alta da luta revolucionária no continente os torturadores e cachorros da tortura de ontem não cheguem ao banco dos réus e paguem por seus crimes. Além disso, não está fora de questão que em países como o Brasil a corja de ontem usada pelas oligarquias tramem retornar ao poder do mesmo modo de antes, ou seja, através de golpe.

XI - Eis então os grandes desafios para os revolucionários para o triênio de 2007-2010:

a) Levar o governo Lula a realizar as demandas mais elementares para o povo, pois neste ponto ou ele rompe com as oligarquias e o imperialismo, mesmo que apenas ao nível da política econômica neoliberal, tornando-a inoperante para objetivos de acumulação do capital; ou ele é obrigado romper com o povo e deixar a máscara cair de vez, levando consigo os reformistas que confundem um apoio tático com a defesa desavergonhada de todas as ações de governo destes intermediários no sistema;

b) As demandas por emprego, moradia e terra continuam sendo ponto de tensão entre a política neoliberal e os trabalhadores, elas chocam-se com o processo de reestruturação do aparelho produtivo capitalista no país e as seqüelas derivadas da mesma com a desregulamentação e flexibilização do trabalho também chocam-se contra a política de privatização, que continua em escalada inferior para solaparem a base de grandes instituições públicas nacionais, como a Petrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica, etc. O caos que estabeleceu-se no sistema aeroviário é apenas uma mostra dos resultados da política neoliberal de privatização do setor. O riso cínico dos pilotos do Legacy, que derrubaram o avião da Gol, matando centenas de pessoas, dá provas de que o im-

perialismo está agindo para criar uma situação incontrolável no país;

c) Outro grande desafio aos revolucionários nesse triênio 2007-2010 será avançar na luta pela integração do Brasil na luta revolucionária do continente de forma direta, criando os mais profundos vínculos de solidariedade e colaboração com o processo colombiano e peruano, a exemplo do que ocorre com a Venezuela e agora com a Bolívia. No frontispício de todo o processo de solidariedade deve abalizar a solidariedade e a colaboração com a Revolução Cubana, pois dias decisivos acontecerão diante do quadro de gradual passagem da direção revolucionária devido à situação mais frágil de saúde do comandante Fidel. E, finalmente, chega-se a uma tarefa fundamental de nosso Partido neste próximo ano, que é avançar na refundação do Partido em termos de organização, formação dos quadros, ampliação de sua infra-estrutura, poder de comunicação e comando sobre a luta da classe operária e das massas em todo o país.

XII - Camaradas, o ano de 2006 foi um dos mais duros que passamos após os 6 anos que marcam a refundação do Partido Comunista e os 15 anos do Jornal que desempenhou e que continua a desempenhar um papel fundamental nesta luta por sua refundação. Sofremos perdas enormes, do grupo da velha guarda de 1935, todos já estão fora da frente de combate; dos que participaram ativamente das lutas nos anos 50 e 60, poucos são os que nos restam ainda em condição de trabalho ativo revolucionário; daqueles que despertaram na luta contra ditadura, a idade avança e muitos sentem-se cansados, buscando situações mais cômodas, mesmo dentro da luta; da juventude que despertou na luta democrática pós-ditadura, muitos não têm a experiência de combate e resistência necessária para enfrentar as situações ideológicas e armadilhas que o inimigo de classe lhes prepara e os que vão formando-se nestes dias de combate ao neoliberalismo e de grande ofensiva da contra-revolução do imperialismo, diante da baixa dos valores revolucionários resultantes da queda da URSS e a crise do marxismo, não pode-se exigir muito, já não existem paradigmas revolucionários suficientes para conduzi-los ao caminho da luta pela revolução.

XIII - Chegou-se a uma situação que Lênin muito bem definiu diante da situação da Rússia, após a Refundação do POSDR, em 1903: “existem homens, mas faltam homens”. Nossa tarefa geral neste triênio 2007-2010 é caminhar para solucionar este dilema.

Tese III - Sobre organização e o movimento de massas

Sem organização não se pode falar seriamente de tática. (Lênin)

I - O III Congresso do PCML acontece em um momento importante para a luta revolucionária na América Latina e de nossa luta revolucionária no Brasil. Os debates sobre seu tema principal, a atualização de sua linha de trabalho junto as organizações de trabalhadores, sindicais, sociais, culturais e estudantis, ocorreram nos diversos estados onde nossa organização política desenvolve sua ação revolucionária. Nestes termos, o presente trabalho tem como objetivo contribuir com o debate do III Congresso.

1 - Considerando que nossa concepção sobre a linha de massas do partido não significa apenas definir pragmaticamente em quais movimentos devemos atuar, como atuar e quais bandeiras defenderemos nos mesmos:

a) É de vital importância considerar que paralelamente ao conjunto de princípios que devem guiar nossa ação dentro destes movimentos, também é essencial levar em conta a base organizativa do partido, sua estrutura orgânica e os quadros hoje destacados para este trabalho;

b) Deve-se considerar, ainda, a nova situação política nacional e internacional na qual o mesmo desenvolve-se.

2 - Concluímos que:

a) Somente considerando todos esses elementos poderemos fixar metas concretas para definir um plano de ação e avaliar as reais possibilidades de sua realização prática.

II - Lênin, quando pensou a questão organizativa do Partido, considerando a situação da Rússia, ainda sob o tzarismo, e o processo de reorganização do Partido diante da repressão que levou à dispersão dos revolucionários em dezenas de organizações em todo o país, que deixaram-se dominar pela corrente economicista, afirmou que “não se pode sequer pensar seriamente em tática se não temos organização” e, mais adiante, que “nos momentos em que se produz a explosão das lutas sociais já é tarde para se construir a organização” (Por Onde Começar).

1 - Considerando que a situação do movimento revolucionário no Brasil está muito distante daquela realidade da Rússia, mas isto não invalida a fundamental importância de que a organização antecipe-se em sua existência e preparação aos momentos de ascenso da luta, destinando-se justamente a sua construção-estruturação durante os momentos de descenso e menor enfrentamento.

2 - Concluímos que essa é uma lição que vale para todos os revolucionários, em todas as ocasiões, pois, mais que uma proposição ou tese para os revolucionários bolcheviques, é uma necessidade elementar para que os revolucionários passem a conduzir as rebeliões e levantes de lutas econômicas a lutas políticas, logo, luta revolucionária pela conquista de uma revolução de fato. É, portanto, uma questão de princípio para todos os revolucionários:

a) O processo de 1º) Organização revolucionária; 2º) Ação no movimento de massas; 3º) Condução dos mesmos à luta revolucionária; 4º) Revolução; embora não obedeça necessariamente esta ordem estabelecida, exige para seu desenvolvimento a harmonia de um plano revolucionário que combine estes elementos, pois, como disse Engels - citado por Lênin em seu livro Bancarrota da II Internacional - “nem toda situação revolucionária conduz a uma revolução”;

b) Existe uma dialética elementar entre os dois processos - o organizativo e o da ação no movimento de massas - para que os dois, combinados, possam ter como consequência prática uma estratégia revolucionária;

c) Em um processo em que a organização dos revolucionários não esteja ainda suficientemente desenvolvida para atender a um ascenso do movimento de massas, ela vê-se obrigada a acompanhar todo este movimento sem as condições de poder conduzi-lo à revolução, pois o maior desenvolvimento da ação nos movimentos de massa passa, pelo contrário, a influenciar o processo de organização, pois a necessidade de acompanhamento constante e o apelo que a ação de massas exerce sobre a consciência dos quadros, em contradição à insuficiência da organização para responder a isso de maneira adequada, leva à improvisação e ao voluntarismo que, apesar de desembocar muitas vezes em ações heróicas, pode causar a total desintegração da organização e a perda dos quadros;

d) Em situação reversa, em que uma grande organização desenvolva-se em contradição ao ascenso da luta de massas, exigindo que a mesma mantenha-se através da ação constante junto ao movimento -porém com as mãos atadas para conduzi-lo a uma luta revolucionária- é muito importante ter em conta as táticas e formas de luta pacíficas, sem perder de vista que, apesar de legítimas, essas táticas e formas de luta não tornem-se o caráter predominante da organização, pois este é o caminho do reformismo. Se isso acontece, passamos a viver o drama vivenciado nos anos 60: quando o ascenso de massas instaurou-se, o caráter reformista desenvolvido na organização anteriormente impediu-a de conduzi-lo a uma revolução de fato;

e) A dialética do processo, portanto, é (considerando-se de maneira combinada o desenvolvimento do movimento de massas e o nível de desenvolvimento da organização revolucionária):

• Nos momentos de descenso do movimento de massas, a organização que já exista minimamente deve re-frear cada vez mais a cooptação de quadros, tendo cuidado dobrado com sua formação e cooptação, para que esse processo de luta pacífica e sem enfrentamento não molde a base de seus quadros de maneira a tornar essa forma de luta a forma de luta predominante no caráter da organização.

• As organizações que não têm ainda uma estrutura minimamente desenvolvida, nos momentos de descenso do movimento de massas têm, além desse imprescindível processo de voltar-se para dentro e formar seus quadros, o grande desafio de cooptar novos quadros -na velocidade necessária para manter e ampliar seu trabalho até um nível mínimo de desenvolvimento- através da construção de formas de luta que fujam do âmbito institucional e possam, a partir do enfrentamento pontual, resultar em uma composição de quadros mais avançada.

• Para as organizações que não têm ainda uma estrutura de quadros minimamente desenvolvida essa dificuldade é ainda mais marcante nos momentos de ascenso da mobilização. Tal ascenso significa que a mesma poderá crescer por saltos; terá, no entanto, que preservar seus quadros e sua linha tática e estratégica das influências reformistas que possam, nesse momento, polarizar a sociedade.

• A organização já minimamente desenvolvida e que preservou seu caráter revolucionário deve, essa sim, em momentos de ascenso da mobilização, constituir o movimento mais amplo possível de ingresso a suas fileiras e aumentar sua influência no movimento de massas de modo a abarcá-lo todo e conduzi-lo, através da estratégia unificada e de ações revolucionárias, à luta pelo poder.

f) Assim, pode-se concluir que a construção da organização revolucionária relaciona-se com sua ação no movimento de massas, seja nos períodos de ascenso ou de descenso do mesmo, não apenas com a intenção de direcioná-lo à tomada do poder como também encontrando nele seus melhores quadros.

III - Se a atuação da organização revolucionária junto ao movimento de massas, de acordo com a dialética do desenvolvimento deste, e da própria organização é, como vimos, um de seus objetivos centrais, deve-se ter em conta que atuar no movimento de massas não significa necessariamente ter sua direção executiva e burocrática.

1 - Considerando que o objetivo da organização revolucionária dentro do movimento de massas deve ser, dialeticamente, 1) encontrar nele seus melhores quadros, trazendo-os para a organização e 2) aumentar seu poder de comunicação e influência no movimento de massas em geral, sendo capaz de avaliar as tendências e contra-tendências do desenvolvimento histórico em geral e de cada ponto reivindicativo em particular, agindo no sentido de levá-lo ao aprofundamento da luta até a luta pela tomada do poder:

a) Os quadros que estejam efetivamente inseridos no movimento de massas terão maior ou menor reconhecimento e legitimidade dentro do mesmo de acordo com as teses que defendam, em seu seio, para a ação do movimento e com a concordância ou não das mesmas com a realidade, no sentido de contribuir para o desenvolvimento do movimento e para a conquista de suas principais reivindicações. Aqui, cabe citar uma vez mais a Lênin, quando afirma que “a práxis é o critério da verdade”;

b) No entanto, as organizações que pretendem disputar a direção do movimento de massas, estando absolutamente desvinculadas da luta diária do mesmo, não terão a legitimidade necessária para fazê-lo, não tendo ganhado a confiança da base de companheiros e companheiras que compõem o movimento. Pelo contrário, além de seu trabalho junto ao movimento não ser suficiente para ganhar a direção executiva ou burocrática do mesmo, seu espaço político se desgastará ainda mais, na medida em que não seja reconhecida pela base do movimento sua legitimidade para disputar tal direção;

c) O volume de tarefas específicas relacionadas às reivindicações de cada movimento ou entidade em particular, que deve ser cumprido com responsabilidade pelos quadros que estejam efetivamente inseridos no movimento de massas, é maior ou menor na medida exata dos cargos que tais quadros ocupem ou não na direção executiva e burocrática do movimento, chegando a demandar, para seu cumprimento responsável, a totalidade do tempo do quadro. Nesse sentido, é

um perigo real para qualquer organização de quadros, acaba tendo a totalidade do tempo de seus quadros consumida nas tarefas burocráticas diárias demandadas pelos vários movimentos e entidades, perdendo sua capacidade de organizar-se efetivamente como organização de quadros;

d) No outro lado dessa mesma moeda está um perigo de igual tamanho -visando manter a maior parte de seus quadros na direção executiva ou burocrática do movimento ou entidade sem ter a totalidade do tempo de seus quadros consumido pelas tarefas diárias ligadas a cada bandeira reivindicativa específica, muitas vezes o partido incorre no erro de transformar tais bandeiras reivindicativas, fazendo com que o movimento gradualmente abandone-as, assumindo apenas a luta política. Ao fazer isso, confunde-se o papel da organização de massas com o da organização de quadros, desconsiderando o fato de que a maior parte dos companheiros e companheiras ligados ao movimento de massas não quer encampar tais bandeiras. O partido deve agir contribuindo para que o movimento de massas em geral aprofunde sua luta econômica no sentido da luta política pelo poder de fato, única e efetivamente capaz de concretizar suas reivindicações específicas, construindo, assim, condições subjetivas para a revolução. Isso não significa, no entanto, que o partido deva imprimir a um movimento ou entidade específico suas bandeiras de luta, desconsiderando as tendências e contra-tendências do desenvolvimento histórico, em geral, e de cada ponto reivindicativo, em particular. O resultado prático de incorrer neste erro é o “aparelhamento” da entidade ou movimento e a perda de sua capacidade, essencial, de organizar a camada mais ampla possível do proletariado em torno das reivindicações específicas de cada setor do mesmo;

e) O grande desvio que manifesta-se na ação do partido junto ao movimento de massas com finalidade única ou predominantemente eleitoral também enquadra-se nos dois perigos acima referidos, associados ao erro estratégico da definição da disputa eleitoral, não como forma de luta válida de acordo

com cada momento no desenvolvimento da luta de classes no país, mas como forma de luta sempre válida e essencial para a construção do próprio partido; forma de luta predominante, portanto;

f) O partido deve, portanto, ser capaz de fazer sua linha tática e estratégica chegar ao movimento de massas em geral, aumentando seu poder de comunicação e de influência no mesmo, convencendo os melhores quadros do movimento da certeza dessa linha e de suas proposições, ao confrontá-las com a realidade concreta, sem incorrer no erro de, por um lado, ter todos seus quadros absorvidos pelas tarefas burocráticas e executivas de cada movimento ou entidade em particular ou, por outro, “aparelhá-los”, fazendo com que percam sua capacidade de mobilização, suas reivindicações específicas e, portanto, sua razão de ser. Deve ser capaz de agir dentro do movimento de maneira a ganhar para uma posição revolucionária os melhores quadros do mesmo, que difundirão essa mesma posição dentro do próprio movimento;

g) Deve-se destacar que essa tarefa encontrará maiores dificuldades em dependência justamente do desenvolvimento dialético do próprio movimento de massas e do nível de enfrentamento real que se dê no mesmo, ou no pólo oposto, do nível em que a luta institucional tenha adquirido o caráter de forma de luta predominante, como mencionado no item II. Considerando o grande espaço que a luta puramente institucional ocupou na história da esquerda brasileira em especial a partir dos anos 50 e da ditadura militar, as conseqüências do processo de abertura “ampla, gradual e democrática” e da queda do Campo Socialista na reiteração dessa forma de luta como única ou principal e a atual situação e atuação de cada movimento ou entidade de massas específico, cabe ao Partido analisar cuidadosamente a realidade em cada local, região e no país de acordo também com o nível de desenvolvimento de sua própria estrutura de quadros em cada local, região e no país, buscando a construção de formas de luta que fujam do âmbito institucional e possam, a partir do enfrentamento pontual, resultar em uma composição de quadros mais avançada.

2 - Concluimos que o objetivo da organização revolucionária dentro do movimento de massas deve ser, dialeticamente, 1) Encontrar nele seus melhores quadros, trazendo-os para a organização e 2) Aumentar seu poder de comunicação e influência no movimento de massas em geral, sendo capaz de avaliar as tendências e contra-tendências do desenvolvimento histórico em geral e de cada ponto reivindicativo em particular, agindo no sentido de conduzi-lo ao aprofundamento da luta até a luta pela tomada do poder.

IV - Nossa organização -que tomou como um princípio a forma leninista e que encontra-se em processo de construção desde sua constituição em partido de quadros- deve, portanto, compreender que em cada estado vive-se uma situação organizativa distinta, o que implica que a ação a ser desenvolvida nos movimentos de massa se dará de forma diferenciada, resultando, daí, uma maior ou menor presença nos mesmos, tendo em vista nossos princípios, dentre os quais destaca-se o fato de que atuar no movimento de massas não significa necessariamente ter sua direção prática (executiva e burocrática).

Apresentação da "Ópera Reggae Redescobrimo as Américas" durante as atividades do IV Seminário



Adendo à Tese III

Movimento como organização para tomar o poder e Movimento como embrião de poder paralelo

I - O movimento desempenha ao mesmo tempo um papel tático e estratégico no processo da revolução: 1) luta por demandas específicas e gerais, portanto, desempenha um papel tático; 2) é um embrião da nova estrutura de poder, devendo organizar-se para ser parte dessa nova estrutura de poder, na revolução; desempenha, no entanto, também um papel estratégico.

a) O caráter tático do movimento desenvolve-se através da sua própria plataforma de lutas (reivindicações específicas e gerais) e das formas de luta construídas para conquistar estes objetivos imediatos que devem estar de acordo à realidade concreta;

b) A segunda função, o caráter estratégico, desenvolve-se pelas bandeiras gerais que o movimento sustenta, que conformam-se para o objetivo estratégico da revolução e pelos princípios e métodos de organização e luta que mantêm o seu caráter estratégico para a revolução.

II - É importante também saber definir precisamente o caráter de cada movimento para saber como pode-se aplicar esta concepção, por exemplo: a luta sindical é uma luta direta que o operário trava contra o patrão, logo, a contradição entre o capital e o trabalho manifesta-se economicamente na luta; já os movimentos de bairro, esta contradição não caracteriza-se diretamente, pois manifesta-se em termos da contradição entre o povo e o poder público, ou seja, de forma política, quando um morador leva sua demanda ao poder público não tem o empate direto com o patrão, mas com a sua política desenvolvida pelos representantes do capital no poder público. Então, qualquer reivindicação significa impor ao governo a realização de um ato político contrário à política definida pelo capital na administração pública, atingindo-lhe indiretamen-

te, trata-se, portanto, de uma luta pela reprodução social, isto é, direito a saneamento, coleta de lixo, água potável, luz, segurança, educação, saúde, cultura, lazer e a cidadania, contra a arbitrariedade da polícia do estado, etc. A luta da população carcerária é uma luta pelo resgate da cidadania e dos direitos humanos, contra os maus tratos, a perseguição, a tortura, pela desburocratização dos processos, e também um direito de reprodução social. Já a luta dos sem-terra mescla a luta direta contra o capital na forma de terra e diretamente a política do capital no poder público, onde se instaura o conflito. A luta dos sem-teto também tem um caráter similar, só que com o capital imobiliário e sua política no poder público, onde instaura-se o conflito; ambas, embora batam-se diretamente com o capital, distinguem-se por seu turno da luta sindical e não podem ser consideradas como uma luta direta entre o capital e o trabalho, como ocorre na fábrica, no comércio e nos serviços (privados) - luta em torno da propriedade é uma luta pela reprodução social e a política relativa a mesma de responsabilidade do poder público. Também é preciso definir na luta sindical o setor público (funcionalismo) do setor privado que, independente da função do trabalhador e o setor onde exerça, produz-se mais-valia, é uma luta direta entre o capital e o trabalho. Já a luta da juventude e seu movimento desenvolvem-se em todas estas esferas acima (sindicato, bairro, sem-terra, sem-teto, etc.) acrescentando além da especificidade do movimento estudantil, que deve ser distinto do setor privado e do público. Já o movimento cultural, este é ainda mais complexo, pois compõe-se desde o enfrentamento do capital e trabalho até o conteúdo ideológico do mesmo, passando pela luta dos grupos culturais e indivíduos por espaço para apresentar o seu trabalho e encontrar os meios de sua reprodução social. A maior complexidade deste setor, e igual para o movimento estudan-

til, é que sua luta potencializa-os para serem quadros a serviço do capital, por outro lado, se não luta ele acomoda-se às condições de reprodução do capital na sociedade. Há também que pensar sobre a luta dos trabalhadores informais: vendedores ambulantes, pequenos proprietários, etc., o trabalho a domicílio (tantos os de alta tecnologia, como os de baixa tecnologia, etc.), cujas contradições resvalam da luta patrão e empregado na informalidade à luta entre a pequena burguesia e o monopólios, de forma direta ou indireta (poder público).

III - Naturalmente, toda a luta social tem por premissa a luta pela reprodução social do proletariado e demais setores sociais na sociedade, trata-se de uma luta pela reprodução humana das classes, logo, uma luta reivindicatória e econômica que não faz uma ruptura definitiva com o sistema, a questão fundamental para o trabalho de massas é como extrair daí os melhores quadros e fazer com que a organização da luta torne-se uma instituição revolucionária que tome parte, mais tarde, de uma nova estrutura de poder na sociedade.

IV - Outra questão importante são as lideranças, como trabalhá-las para fugir às tentações do capital, à traição a classe, ao engano da gaiola de outro e ao desvio reformista e oportunismo político (eleitoreiro)? Que só pode-se conseguir com a evolução da luta geral econômica e política e do quadro de consciência em si para si. Eis o desafio do trabalho, a formação de quadros com consciência de classe e clareza de uma estratégia revolucionária de uma organização. Portanto, os movimentos devem ser uma verdadeira escola prática dos revolucionários, ao passo que o partido, através de estruturas intermediárias, funcione como escola teórica e organizativa do mesmo.





Ato de lançamento da Coordenadora Continental Bolivariana - Capítulo Brasil - Luiz Carlos Prestes



Tese IV - Revolução, sindicalismo e o governo Lula

I - Durante o governo Lula tornou-se notório o arrefecimento da luta sindical, a pulverização dos sindicatos, o atrelamento ao governo em contradição ao crescimento do número de sindicatos e de sindicalizados enquanto cresceu a perda das conquistas trabalhistas, os salários rebaixados e o desemprego crescente, redundando em miséria, escravidão e pauperismo.

II - Para nenhum comunista revolucionário a idéia de sindicalismo significa necessariamente a idéia de revolução, entretanto, também não é possível negar a importância da luta da classe operária organizada em suas associações econômicas e de luta imediata como parte importante em um processo revolucionário de fato. Quando a primeira Revolução Socialista triunfou na Rússia czarista, parte do cenário que compunha aquela conjuntura era formada pelas organizações sindicais avançadas da classe operária. Lenine desenvolveu com clareza esta situação revolucionária, e aprofundando Engels, diante da falência da II Internacional, neste escrito, afirmou:

“Para nenhum comunista é novidade que uma situação revolucionária se forma independente de organizações, classes ou partidos, assim como nem toda situação revolucionária leva a uma revolução (...) para que uma situação revolucionária se torne uma revolução são necessárias as condições objetivas e subjetivas, as características mais gerais de uma situação revolucionária podem ser enumeradas: quando há uma crise profunda no sistema, uma crise econômica, por onde irrompe o descontentamento das classes dominadas e uma fenda aguda em que as classes dominantes se dividem, quando a classe dominada, que em momentos pacíficos se deixa explorar sem contestação, mas que nos momentos de fervor revolucionário protesta, quando os de cima já não podem governar como antes e os de baixo não aceitam ser governados como até então, mas nenhum regime cai por si só se não o fizer cair e só a classe operária com movimentos capazes de deslocar o bloco do poder...”

III - Portanto, não é possível pensar na revolução sem pensar na capacidade da classe operária em agir de forma organizada e maciçamente golpeando o seu inimigo de classe para deslocá-lo do poder. Naturalmente, existem os que imaginam a forma revolucionária pela guerra de guerrilhas ou mesmo pela formação de um exército revolucionário, como uma variante do processo revolucionário em que a classe operária organizada em suas associações econômicas não teria tanto peso assim. Sem dúvida, isto é válido para uma sociedade em que predomine o campesinato, sem gran-

de desenvolvimento da população urbana e do modo de produção capitalista. Contudo, na maior parte dos países do mundo na atualidade esta afirmação é totalmente incorreta. Vivemos os estertores de um modo de produção que desenvolveu-se plenamente; no Brasil mais de 80% da população concentra-se nos conglomerados urbanos e embora as transformações de caráter tecnológico e das relações de trabalho aparentem uma diminuição relativa do contingente da classe operária ativa em relação ao proletariado de modo geral, absolutamente sua importância e peso na sociedade mantêm-se intacta.

IV - Nestes termos, a questão que coloca-se para os comunistas revolucionários, diante da atual conjuntura de arrefecimento da luta dos trabalhadores organizados nos sindicatos, bem como o atrelamento e distanciamento das cúpulas sindicais da massa de trabalhadores, a divisão e a pulverização crescentes das organizações é pensar e agir no sentido de soerguer a unidade e a luta dos trabalhadores para que possa cumprir o seu papel histórico no processo revolucionário no Brasil, que começa a despontar apesar de toda maquiagem, manipulação e repressão, que transparecem na sociedade aparentando o conformismo geral e aceitação pacífica do domínio neoliberal das oligarquias neste período de governo Lula. E para que os comunistas marxistas-leninistas possam desempenhar esta tarefa é necessário antes de tudo desmistificar a idéia de pacifismo geral, que é inculcado no cérebro das massas pela manipulação da mídia nazi-fascista e os dados maquiados pelo governo e intelectuais burgueses.

V - A primeira contestação a ser realizada é a tese de que as transformações tecnológicas decorrentes da revolução informacional reduziram o peso e a importância da classe operária na sociedade com a perda do seu objetivo estratégico da revolução proletária. Sem dúvida, a recomposição do aparelho produtivo do capitalismo ou o que convencionou-se a chamar de reestruturação produtiva tem criado uma aparente visão da diminuição da classe operária ativa, pois confunde esse conceito com o emprego formal que tem reduzido-se drasticamente, dadas as inovações tecnológicas, o processo de trabalho da empresa capitalista e a diminuição dos postos de trabalho, esquecendo do crescimento vertiginoso do emprego informal, dos contratos por temporada e de outros mecanismos de otimização dos custos com a força de trabalho derivados da política econômica neoliberal. Vistas por esse ângulo as coisas, o trabalho terceirizado, esquiteado e mais o emprego formal, concluir-se-á que, ao contrário do que afirma esta tese, a classe operária ativa e empregada continua crescendo de forma

absoluta. Por outro lado, se considerarmos ainda que o número de desempregados cresceu assustadoramente e continua a exercer o papel de pêndulo dos baixos salários como exército de reserva de uma mesma classe (o desemprego latente, flutuante e estagnado, não muda o ser social de uma classe), então, a tese do fim da classe operária, da luta de classes, mesmo no sentido econômico, é totalmente inconseqüente.

VI - A segunda tese que tenta obscurecer a importância da luta sindical para o processo revolucionário é a que invoca a morte das idéias do socialismo como objetivo estratégico desta luta, dada a crise que viveu os regimes socialistas no Leste Europeu e nos países que compunham a URSS. Desmistificar esta tese é fundamental para o soerguimento da luta dos trabalhadores e do papel de suas organizações em uma nova sociedade que resulte de uma Revolução Socialista. E como desmistificar esta tese?

VII - Em primeiro lugar, mostrando que, mesmo com a queda do socialismo no Leste Europeu e da URSS, uma parte significativa da humanidade continua a viver, trabalhar e desenvolver-se em países que reivindicam-se comunistas e socialistas, como a China, Vietnã, Coreia do Norte e Cuba. Além disso, outros países aqui mesmo na América Latina, impulsionados pela ação das massas trabalhadoras iniciam sua marcha para o socialismo, como é o caso da Venezuela, da Bolívia e do Equador, e finalmente, mesmo nos países do Leste Europeu. O movimento pelo retorno ao socialismo cresce a cada momento e nos países capitalistas os movimentos anticapitalistas, socialistas e revolucionários também mantêm-se vivos e em alguns casos bastante avançados, como na Colômbia. Deste modo é um contra-senso acreditar nesta tese burguesa do fim do comunismo, pois para quê tanto dinheiro gasto pelas oligarquias burguesas para propagar esta tese e ocultar das massas as lutas revolucionárias que existem na atualidade? Ninguém em sã consciência chuta cachorro morto ou cospe para o alto, logo, esta própria conduta do capitalismo denuncia a falsidade de sua tese.

VIII - Uma outra fonte de idéias criada pelos ideólogos burgueses, que precisa ser combatida, é aquela que introduz contrabandos ideológicos conceituais para o movimento operário, tentando manipular a sua consciência e identidade de classe, tais como o conceito de “excluídos”, de indivíduo e comunidade à parte e autônomo da concepção de classe social e de luta de classes. Estes contrabandos ideológicos são apenas instrumentos que criam uma falsa relação de pulverização social e individualismo exacerbado para quebrantar o poder de união e a força de luta das organizações

operárias, pois é impossível subsistir qualquer tipo de atividade econômica em uma sociedade sobre um modo de produção social na qual esta relação econômica não conflua para a dinâmica do sistema. Numa sociedade onde a produção é social e a apropriação privada, em qualquer organização social, econômica, o indivíduo está inserido neste modo de produção, produzindo e reproduzindo-o, então, não pode ser excluído, mas explorado; não pode ser comunidade partida, mas local de reprodução da força de trabalho, não pode ser indivíduo isolado, mas indivíduo social pertencente a uma das classes em que é dividida a sociedade.

IX - Finalmente, os comunistas revolucionários marxistas-leninistas devem considerar que a retomada das organizações econômicas dos trabalhadores e suas lutas, diante do governo Lula, não representa lutar para estar presente na direção sindical ou apenas encará-la como uma organização tática, mas uma organização social de classe que deve desempenhar um duplo papel no processo da revolução.

a) O tático e imediato na defesa econômica dos trabalhadores constituindo uma pauta de reivindicação da categoria que a unifique, em particular, e como parte da classe operária, em geral, buscando sua unicidade orgânica na luta reivindicativa.

b) O outro papel é o estratégico que uma organização sindical deve desempenhar na constituição de um novo poder em uma sociedade que resulte da revolução social, desde já tem que guiar-se por princípios que conduzam os trabalhadores por sua própria experiência de embate, à necessidade da revolução e do preparo intelectual para exercer o papel governante revolucionário.

c) As organizações sindicais devem constituir-se em escolas de formação de quadros; devem guiar-se por princípios que eduquem seus membros a respeitarem as decisões da maioria e exigir que estas majorias que cristalizam-se em direções sindicais formem-se a partir de plataformas de lutas e regras de direção política, que avancem a consciência de todos os seus membros

tais como nos princípios da direção coletiva, da planificação das lutas e do emprego dos recursos econômicos sindicais, do não atrelamento aos partidos políticos burgueses, do não carreirismo e da não discriminação por motivos ideológicos, raciais, sexuais, enfim, o princípio da autonomia aos Estados, partidos e religiões.

Deste ponto de vista, chega-se à conclusão inicial deste escrito, pois assim como uma Revolução Socialista não se produz sem a participação decisiva da classe operária, logo, das suas organizações econômicas avançadas, os sindicatos, também pode-se concluir que não basta ser sindicalista ou participar de

uma direção sindical para ser revolucionário ou contribuir sequer para a Revolução. A história da classe operária mundial e do Brasil, em particular, demonstra este fato, como por exemplo, a I Internacional dos Trabalhadores criada por Marx e Engels; a II Internacional, cuja falência foi denunciada por Lênin e atualmente o governo brasileiro em que o presidente da República é um ex-sindicalista e grande parte de seus ministros também, mas seu papel dentro do sistema não passa daquele definido por Marx e Engels no Manifesto Comunista, de 1848: “o governo burguês é um comitê para gerenciar os negócios da burguesia”.

Pela retomada da luta e organização da classe trabalhadora pela Revolução Socialista!

Viva a história de luta da classe operária internacional!

Abaixo o peleguismo, a divisão e o sindicalismo amarelo!

Viva a Revolução Comunista!

III Congresso do Partido Comunista Marxista-Leninista (Br)
Rio de Janeiro e Niterói
22, 23 e 24 de Setembro de 2007

Bibliografia

• BVILLA, P. I. - Que Refundar? Teses sobre a Revolução Brasileira, In Revista Voz Operária, Rio de Janeiro, Editora Inverta, 2000.

• HARDT, Michael e NEGRI, Toni - Império, Editora Record, Rio de Janeiro, 2001.

• HARNECKER, Marta - in Apresentação Mas Allá de "El Capital" de Michael Lebowitz, Rebelión, 16/01/2006 – <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=20906>

• KAUTSKY, Karl – Ultra Imperialismo (Der Imperialismus), 1914

• MARX, Karl - O Capital, editora Civilização Brasileira, 1960

• MÉSZARÓS, István - Marx, nosso contemporâneo, e o seu conceito de globalização, http://resistir.info/serpa/comunicacoes/meszaros_globalizacao.html

• MÉSZARÓS, István - Para Além do Capital, Editora Boitempo, 2002

• PCML - Plataforma Comunista, In Revista Voz Operária, Rio de Janeiro, Editora Inverta, 2002.

• PCML, Reage Socialismo, Modac - Carta ao Povo Brasileiro, In Revista Ciência e Luta de Classes, Rio de Janeiro, Editora Inverta, 2006.

• PERRAULT, Gilles. - O livro Negro do Capitalismo, página 303, Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 1999.

• PERRAULT, Gilles. - Ob.cit.

• V. I. LÉNINE - A Bancarrota da II Internacional, 1915.

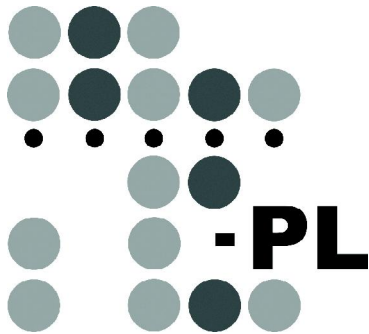
• V.I. LENINE - Como Iludir o Povo, São Paulo, Editora Global, 1979.

• V. I. LÉNINE - O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo, Global Editora, 3ª edição, 1985

• <http://www.ebanataw.com.br/roberto/energia/index.php>

• <http://www.ebanataw.com.br/roberto/energia/index.php>

Os dados sobre a economia dos EUA foram pesquisados na internet e as fontes foram relatórios do Banco Central dos EUA (Federal Reserve-FED), do FMI e do Banco Mundial.



PRENSA LATINA

agência informativa latino americana S.A.

Rua Regente Feijó, 49, 2º andar - Centro
Rio de Janeiro-RJ, CEP:20060-060
tel: (21) 2507-2049 telefax: (21) 2242-7754
e-mail: coopinve@inverta.com.br

Rapidez, clareza e precisão

assine a PL e receba diariamente notícias de todo o mundo

Pacotes de Notícias

Preço

1-BÁSICO

30 notícias diariamente de segunda-feira a sexta-feira e sábado, domingo e feriado 15 notícias em Português, e até 150 notícias semanalmente em espanhol.

R\$ 150,00

2-TOTAL

30 notícias diariamente de segunda-feira a sexta-feira e sábado, domingo e feriado 15 notícias em Português e até 1000 notícias semanalmente em espanhol.

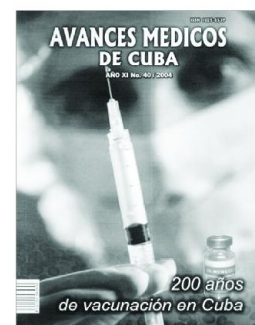
R\$ 450,00

3-ESPECIAL

30 notícias semanalmente em Português, notícias temáticas diárias em espanhol (Economia, Turismo, Cultura, etc.).

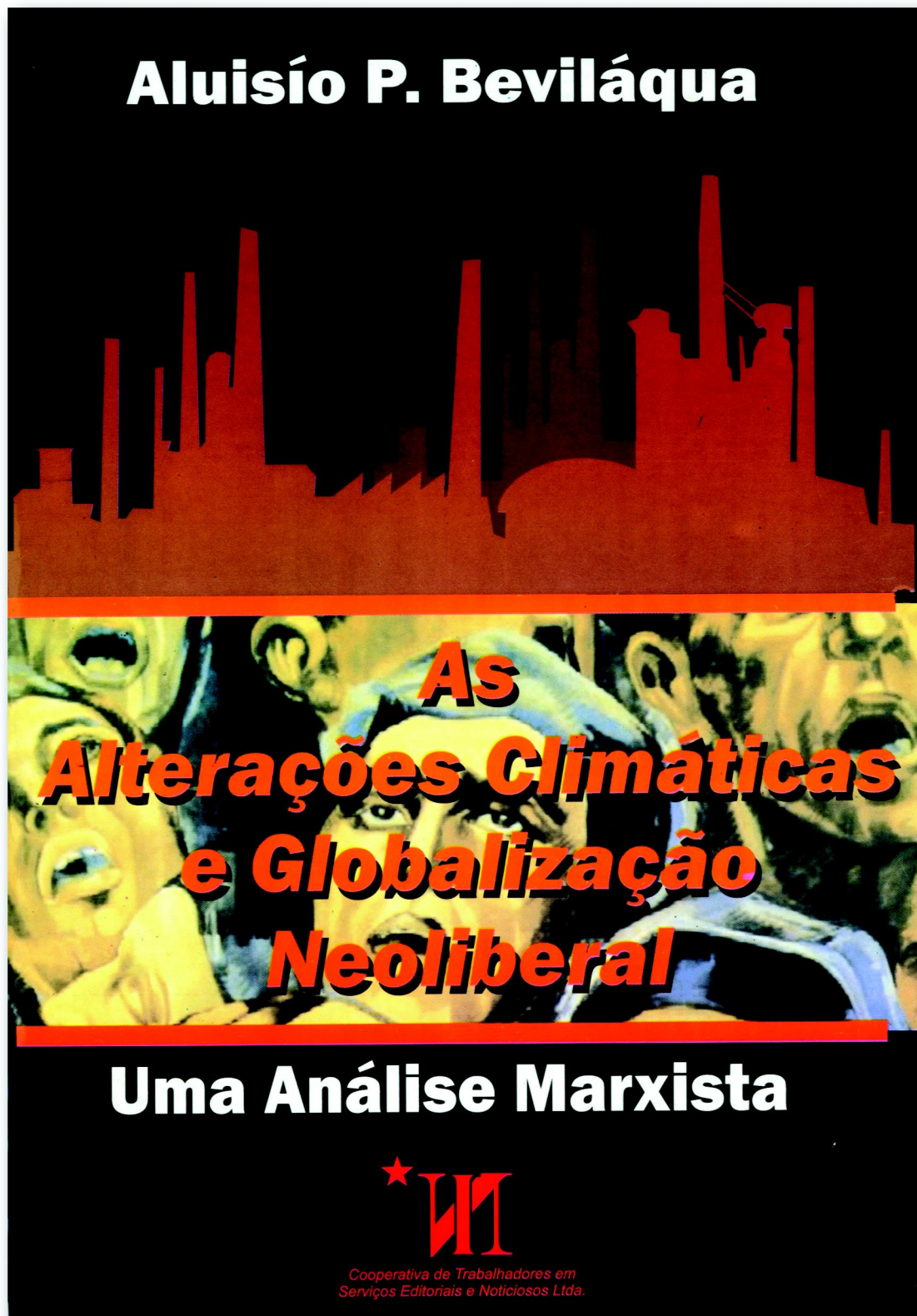
R\$ 450,00

Revistas da Prensa Latina no Brasil



(21) 2507-2049

Lançamento



Adquira pelo telefone:

(21) 2507-2049

Cooperativa INVERTA
Rua Regente Feijó, 49, 2º andar - Centro
Rio de Janeiro-RJ, CEP:20060-060
tel: (21) 2507-2049 telefax: (21) 2242-7754
e-mail: coopinve@inverta.com.br